

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GRECY KELLY SILVA

**“VOCÊ ESTÁ TRAZENDO A ÁFRICA PRA CÁ?”: UM OLHAR  
ANTROPOLÓGICO SOBRE OS DESLOCAMENTOS CONTEMPORÂNEOS DOS  
IMIGRANTES AFRICANOS**

Uberlândia – MG

2023

GRECY KELLY SILVA

**“VOCÊ ESTÁ TRAZENDO A ÁFRICA PRA CÁ?”: UM OLHAR  
ANTROPOLÓGICO SOBRE OS DESLOCAMENTOS CONTEMPORÂNEOS DOS  
IMIGRANTES AFRICANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Claudelir Corrêa Clemente

Uberlândia - MG

2023

GRECY KELLY SILVA

**“VOCÊ ESTÁ TRAZENDO A ÁFRICA PRA CÁ?”: UM OLHAR  
ANTROPOLÓGICO SOBRE OS DESLOCAMENTOS CONTEMPORÂNEOS DOS  
IMIGRANTES AFRICANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Claudelir Corrêa Clemente

Uberlândia, 19 de abril de 2023

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Claudelir Corrêa Clemente – UFU/MG

---

Dra. Jane Maria dos Santos Reis – UFU/MG

---

Prof. Dr Luciano Senna Peres Barbosa – UFU/MG

*Dedico este trabalho à minha família, amigos, aos meus professores, por todo auxílio, aprendizado, paciência e carinho que tiveram comigo, ao longo de todo o curso.*

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço os meus pais, Célia e Osmar, por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e fazendo o possível para que eu pudesse estudar e ter melhores oportunidades.

A minha orientadora Professora Doutora Claudelir Corrêa Clemente, por todo empenho, auxílio e colaboração no processo de elaboração deste trabalho. O meu muito obrigada!

Aos amigos e amigas, por todo o auxílio, incentivos e conselhos ao longo desses anos, o suporte de vocês tornou a minha trajetória mais leve.

Enfim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa da minha vida.

“Ubuntu: Eu sou porque nós somos”  
(Filosofia ancestral africana bantu)

## RESUMO

Esta monografia lança um olhar antropológico sobre as atuais migrações internacionais, em especial a migração africana que tem como destino o Brasil. Nesse contexto, procurou responder a seguinte questão: há aspectos positivos no processo migratório dos imigrantes africanos que chegam no Brasil? Destacou-se a questão cultural no continente africano, suas riquezas e migrações, apoiando em nacionalidades específicas, visto que a África possui mais de 50 países. Neste caso, focou em abordar a respeito do Senegal, República Democrática do Congo (RDC), Angola e Guiné-Bissau, a partir de etnografia virtual e análise bibliográfica de autores africanos, afro-brasileiros, em sua maioria, e autores de outras origens, que não tem descendência africana, mas aborda a temática da migração. Ressaltou-se como os africanos seguem resistindo às imposições, ressignificando seus modos de ser e estar no mundo. Constatou-se que há aspectos positivos em torno da migração africana para o Brasil, pois oferecem práticas culturais importantes para ajudar a refletir sobre o racismo e a xenofobia no país. Além disso, a presença deles também fortalece a negritude, a reconexão com o passado ancestral e a espiritualidade por meio de seus protagonismos na arte e no ativismo político.

**Palavras-chave:** Migração africana para o Brasil; ativismo político; afrofuturismo.

## ABSTRACT

This monograph takes an anthropological look at current international migrations, particularly the African migration to Brazil as its destination. In this context, it sought to answer the question: Are there positive aspects in the migratory process of African immigrants arriving in Brazil? This analysis aims to shed light on the cultural issues about the African continent, its riches, and migrations. We will also focus on specific nationalities, as Africa comprises more than 50 countries. In this case, it focused on addressing Senegal, the Democratic Republic of Congo (DRC), Angola, and Guinea-Bissau, based on virtual ethnography and bibliographic analysis of African and Afro-Brazilian authors, as well as authors from other origins who address the issue of migration, albeit to a lesser extent. It highlighted how Africans persist in resisting impositions and re-signifying their ways of being, adapting to different contexts and environments on Earth. The study discovered positive aspects of African migration to Brazil, as it provides cultural practices that contribute to reflecting on racism and xenophobia in the country. Moreover, their presence strengthens the notion of blackness, encourages a reconnection with ancestral heritage, and promotes spirituality through their roles in art and political activism.

**Keywords:** African migration to Brazil; political activism; afrofuturism.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CASP	Cáritas Arquidiocesana de São Paulo
MOVITE	Mobilidades, Vínculos Sociais, Território e Etnicidade
OIM	Organização Internacional para Migrações
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
USP	Universidade de São Paulo
UFU	Universidade Federal de Uberlândia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 - O PROCESSO MIGRATÓRIO DOS AFRICANOS.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 MIGRAÇÃO ANGOLANA PARA O BRASIL.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 MIGRAÇÃO SENEGALESA PARA O BRASIL .....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 MIGRANTES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC) NO BRASIL.....</b>	<b>21</b>
<b>1.4 MIGRANTES DA GUINÉ-BISSAU NO BRASIL .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO 2 - A PERSPECTIVA DOS MIGRANTES.....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 3 – BRASIL: A SELETIVIDADE NO ACOLHIMENTO.....</b>	<b>36</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Em um mundo altamente globalizado e em constantes crises, os fluxos migratórios internacionais têm aumentado consideravelmente. Isso ressalta a importância de se prestar atenção às necessidades daqueles que estão em movimento. Ao longo dos séculos, a humanidade tem sido marcada por deslocamentos migratórios causados por diversas circunstâncias. Portanto, é preciso reconhecer que a migração é uma realidade inerente à história da humanidade (RODRIGUES, 2014).

Esta monografia lança um olhar antropológico sobre as atuais migrações internacionais, em especial a migração africana que tem como destino o Brasil. Nesse contexto, procuro responder a seguinte questão: há aspectos positivos no processo migratório dos imigrantes africanos que chegam no Brasil? A minha perspectiva é realçar que a chamada "migração africana", é um universo multifacetado, uma vez que há diferenças étnicas, culturais, religiosas e linguísticas entre eles, de modo que não se pode considerá-los um grupo homogêneo de indivíduos. Ademais, uma grande quantidade de imigrantes enfrentam desafios relacionados à xenofobia e ao racismo, e muitos deles encontram maneiras de lidar com essas situações, como se envolver em ativismo político, se expressar artisticamente e reconectar-se com suas raízes ancestrais. Como há nacionalidades diversas, me concentrei em abordar especificamente sobre as experiências dos senegaleses, congolezes, guineenses e angolanos.

A coleta de dados na Antropologia é frequentemente realizada por meio da etnografia. Nesse método, o pesquisador imerge no universo da comunidade observada por meio de trabalho de campo presencial. Diversas técnicas podem ser utilizadas, dependendo do tipo de pesquisa que será conduzida, conforme proposto por Magnani (2002). Portanto, a abordagem etnográfica permite compreender “dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos [...]” (MAGNANI, 2002, p. 11), podem ser organizados como peças de um quebra cabeça, “num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele)” (MAGNANI, 2002, p. 11).

Entretanto, encontrei algumas limitações para utilizar a etnografia convencional, pois realizei minha pesquisa durante a pandemia de COVID-19 causada pelo vírus Sars-CoV-2, entre os anos de 2020 e 2021. Devido à gravidade da situação pandêmica, o Estado Brasileiro adotou medidas de isolamento social para conter a propagação do vírus, o que tornou inviável realizar o trabalho de campo de forma presencial, já que isso colocaria tanto eu quanto os possíveis entrevistados em risco. No entanto, para abordar a realidade que propus investigar neste trabalho, outras estratégias precisaram ser adotadas. Utilizei o método da "netnografia",

também conhecida como “etnografia virtual, webnografia, etnografia digital, etnografia em mídias sociais ou etnografia on-line” (FERRAZ, 2019, p. 52). Com os mesmos princípios da etnografia clássica, a “etnografia virtual”, coleta e analisa os dados, no entanto, o campo é o ambiente online. Por conseguinte, faz proveito do mecanismo de pesquisa *Google* que permite encontrar *sites*, bancos de dados, *blogs*, fóruns, assim como redes sociais, para mergulhar nas experiências dos grupos sociais no mundo virtual. Dentre as possibilidades de observações na etnografia digital elencadas por Skågeby (2013, p. 410-424 apud FERRAZ, 2019, p. 60), observei silenciosamente as atividades realizadas em redes sociais que foram permitidas ao público acompanhar. A escolha por esse método deveu-se às dificuldades de estabelecer contato direto com imigrantes em um contexto pandêmico.

Nas minhas inserções virtuais, o meu primeiro contato foi com o Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas da Universidade de São Paulo (USP) que contribui com o ativismo político-cultural dos imigrantes. No ano de 2020, em decorrência da pandemia, procederam com diversas reuniões virtuais usando a plataforma *Google Meet* para viabilizar discussões com os imigrantes que participam do coletivo. Fui apresentada a esse grupo por meio da minha orientadora profa. Dra. Claudelir Corrêa Clemente, que coordena o grupo de pesquisa MOVITE (Mobilidades, Vínculos Sociais, Território e Etnicidade), o qual participa das reuniões organizadas pelo Fórum. Assim, tive a oportunidade de acompanhar as reuniões como ouvinte.

Inicialmente, testemunhei a batalha dos familiares de João Manuel, um angolano assassinado em 2020 por motivações racistas e xenófobas. Posteriormente, acompanhei o ativismo de migrantes como Mbuyi Mwanza Hortense e Prudence Kalambay, nascidas na República Democrática do Congo (RDC), e de Vensam Iala, oriundo da Guiné-Bissau, cujas histórias me comoveram e me levaram a registrar suas experiências, trajetórias e lutas contra o racismo e a xenofobia. Ao descobrir que o coletivo mantém um canal no *Youtube* intitulado “Fronteiras Cruzadas”, pude não apenas aprofundar meu conhecimento sobre a realidade dos migrantes mencionados, mas também conhecer mais sobre seus projetos culturais e ativismo social.

Através do *Youtube*, foi possível obter informações diretamente dos imigrantes que compartilhavam suas experiências em *lives* promovidas pelo canal do Fórum. Durante minhas pesquisas, descobri outros canais como o "BWE Podcast", "TV Cultura" e "Nossa História Invisível", que também me ajudaram bastante.

Assim, ao conduzir a pesquisa, selecionei cuidadosamente os vídeos que apresentavam a participação dos imigrantes, a fim de acompanhá-los em suas experiências e relatos. Além

disso, tive o cuidado de preservar como se expressavam em suas falas durante a transcrição, buscando ser o mais fiel possível ao que foi relatado nos vídeos.

Outrossim, aproveitei as redes sociais – *Instagram e Tiktok* – para me aproximar do projeto de Vensam Iala denominado “Visto África”, e o projeto “Mira em África” de Rudmira Fula. Os dois projetos têm como objetivo desconstruir estereótipos relacionados ao continente africano e apresentar uma perspectiva multicultural da África. Durante a pesquisa para esta monografia, também identifiquei outros projetos e iniciativas que oferecem espaço para imigrantes africanos. A partir desses recursos, pude ampliar minha reflexão sobre a realidade desses imigrantes no Brasil e aprofundar minha compreensão sobre suas trajetórias, desafios e contribuições.

No que diz respeito à teoria, baseei-me em pesquisadores que se dedicam a compreender o processo migratório africano. Com isso em mente, atentei-me em teóricos africanos e afro-brasileiros, mas também diálogo com autores que não possuem descendência africana, mas trabalham com essa temática. Entretanto, sobreveio a dificuldade de encontrar trabalhos de pesquisadores da região de Uberlândia (MG) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que focassem na diversidade do continente africano. Há poucas pesquisas que se concentram na cultura da migração africana e em seus aspectos positivos. Em muitos casos, as pesquisas disponíveis estão relacionadas a dinâmicas que envolvem o período colonial e a escravidão.

Nessa perspectiva, pela escassez de trabalhos em Uberlândia (MG), embasei-me em autores que falam mais sobre os migrantes residentes na cidade de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Em SP muitos desses indivíduos estão envolvidos no comércio no bairro Brás, localizado na região central da cidade. Esse aspecto é enfatizado pelos autores e também é mencionado em alguns trechos da monografia.

Outrossim, também considerei analisar etnografias tradicionais que foram realizadas por pesquisadoras que experienciaram o contato com imigrantes face a face, para discutir sobre suas vivências no Brasil. Foi de grande valia ler algumas dissertações como a da Tereza Cristina Teles (2013), Ester Fátima Vargem Rodrigues (2014) e Dianne Rafael Vieira (2015), sobre os grupos de migrantes que destacaram suas nacionalidades.

Nesse sentido, estruturei a monografia em três capítulos. No capítulo 1, iniciei discutindo que a mobilidade sempre foi uma prática cultural presente no continente africano. No entanto, com a invasão colonial, muitos africanos foram forçados a deixar seus lares para serem escravizados nas Américas. O Ocidente, pela lógica colonial, massacrou as culturas tradicionais africanas e ainda hoje tenta restringir seus deslocamentos. Todavia, destaco como

os africanos continuam a resistir às imposições, ressignificando suas formas de existência nesse mundo. No contexto migratório atual, migram a todo momento pelo continente africano, fortalecendo as populações que crescem economicamente e desenvolvem suas cidades ao criar redes de solidariedade e estabelecer laços sociais com trocas e negociações. No entanto, existe uma migração transnacional em que um pequeno contingente possui o Brasil como destino. É nessa parte da monografia que me atento em abordar a presença dos senegaleses, congolezes, guineenses e angolanos com o propósito de compreender esses fluxos migratórios no país.

O capítulo 2 traz uma análise mais aprofundada sobre como africanos residentes no Brasil podem nos ajudar a refletir sobre questões como o racismo e a xenofobia, e desconstruir estereótipos em relação ao continente africano. Nesse momento da pesquisa menciono os aspectos positivos da migração africana, com base nas experiências de Vensam Iala, Hortense, Prudence, dentre outros imigrantes. Além do mais, destaco como fortalecem a negritude através do protagonismo na arte e no ativismo político. Também demonstro como suas ações possui relação com o afrofuturismo que busca a valorização da ancestralidade africana.

Por fim, no capítulo 3 reflito que mesmo havendo os aspectos positivos nas experiências dos imigrantes mencionados no capítulo 2, o Brasil ainda perpetua o racismo estrutural que foi herdado do período colonial, afetando de maneira violenta tanto a população negra brasileira, como também as pessoas de origem africana que chegam ao país e são vítimas de racialização.

## **CAPÍTULO 1 - O PROCESSO MIGRATÓRIO DOS AFRICANOS**

Ao longo dos séculos, os seres humanos se locomoveram realizando trocas simbólicas, culturais, econômicas e/ou comerciais proporcionando encontro de diferentes etnias, ampliação de alianças, dentre outras motivações (PEREIRA, 2020). Todavia, devido ao colonialismo e o surgimento do capitalismo, os deslocamentos passaram a acompanhar as mudanças sociais e estruturais ocasionadas pelo sistema econômico. Desse modo, o fluxo migratório contemporâneo é formado por uma complexidade decorrente de todo esse processo histórico (PEREIRA, 2020). No entanto, esta complexidade é desconsiderada, visto que os imigrantes são colocados como se fossem um grande grupo homogêneo de indivíduos. Isso se deve a perspectiva ocidental que é altamente eurocêntrica, significa que desconsidera as particularidades, singularidades, exercendo uma dominação com o propósito de aniquilar as diferenças, e domesticar corpos subalternizados (MONTEIRO, 1997). Como resultado, os

imigrantes vivem sob uma constante vigilância, pois tanto o Estado quanto a população local tendem a enxergá-los como uma ameaça em potencial, como bem coloca Achille Mbembe (2019), sobretudo quando se trata de africanos.

Nesse sentido, minha problematização concentra-se sobre estes contingentes migratórios compostos por pessoas, famílias e coletivos racializados e estigmatizados pelo racismo ocidental. Deste contingente, meu foco é direcionado para a migração africana.

Com base em Clemente (2022), considero que a mobilidade sempre fez parte dos modos de vida no continente africano. Desde tempos remotos, se deslocaram livremente realizando trocas socioculturais. Mesmo diante dos desafios impostos pelo neocolonialismo, continuam tendo o deslocamento como prática sociocultural.

No passado, mais precisamente no período pré-colonial, os africanos se expandiam livremente pela África, em especial os povos classificados como “bantos”<sup>1</sup>. Conforme mudavam seus hábitos e modos de subsistência, migravam para ocupar locais em que pudessem se estabelecer e cultivar a natureza. Conseqüentemente, se movimentaram em várias direções pelo continente, interagindo com outros grupos e entre si mesmos, espalhando culturas, costumes e vivências na África Subequatorial. Essa movimentação dos bantos é um demonstrativo de que os africanos foram se organizando espacialmente e transformando suas realidades, construindo saberes, técnicas, por meio dessas trocas socioculturais em decorrência da mobilidade.

Contudo, com o colonialismo, tiveram suas práticas culturais massacradas, principalmente no que se refere a esse ato de “deslocar-se” voluntariamente (MBEMBE, 2019; CLEMENTE, 2022). Descobriram a crueldade dos europeus que em meados do século XV os retiraram a força do continente africano para serem escravizados, a maioria deles no continente americano. À vista disso, essas pessoas foram privadas de se movimentarem livremente e obrigadas a abandonar seus lares, ritos, tradições e outros aspectos culturais, sendo forçadas a viverem em um mundo desconhecido como escravas.

Dentre os grupos que foram escravizados, além do povo banto há os povos identificados como “sudaneses” que possuem a língua e a cultura iorubá. Conforme Prandi (2000, p.53), os sudaneses viviam na região do Chade, Egito e Tanzânia, subdivididos em: sudaneses orientais que ficavam ao norte, e sudaneses centrais que ficavam ao sul.

---

<sup>1</sup> Em 1862 o pesquisador Willem Bleek foi o responsável por categorizar como “bantos” - termo que significa “pessoas” - todos os falantes da língua banta que ocupam uma parte considerável do continente africano (LUNYIIGO; VANSINA, 2010, p. 170).

Certamente, a categorização "bantos" e "sudaneses" é uma generalização sobre a população africana, pois não contempla as várias etnias, tradições, divindades entre outras particularidades existentes dentro desses dois grandes grupos. No Brasil, eram coagidos a se adaptarem ou encontrar formas de lidar com as imposições dos colonizadores (PRANDI, 2000). Essa situação relegou-os a perder seus referenciais identitários, visto que eram tratados como um grupo culturalmente homogêneo, ainda que houvesse entre eles diferenças marcadas pelos costumes, etnias, culturas, estruturas linguísticas de cada cultura lá reunida. Essas particularidades não eram consideradas pelos europeus, pois o objetivo era escravizá-los e mandá-los em grandes quantidades de maneira desumana para as colônias e serem comercializados:

ao serem arrancados de seus lugares de origem, transportados do interior da África pelos rios e rotas terrestres, agrupados nos portos de embarque, e depois da travessia do Atlântico, reagrupados nos plantéis, nos sítios, nas casas em que trabalhariam na condição de escravos, os indivíduos viviam processos traumáticos de quebra das estruturas sociais que davam as bases de sua inserção no mundo, tendo que encontrar novos termos de convivência e de apreensão da realidade ao seu redor. (MELLO E SOUZA, 2002, p. 147 apud OLIVEIRA; SILVA, 2006, p. 72)

Não se sabe ao certo quantos africanos foram trazidos, acredita-se que tenha sido por volta de 12 milhões, no entanto, não está contabilizado aqueles que morreram durante o trajeto e antes de serem retirados do continente africano (CLEMENTE, 2022 p. 239). Esse processo atroz, fez com que houvesse um enorme contingente de pessoas sequestradas e forçadas a saírem de seu continente natal, África, para serem subalternizados nas Américas. Concomitantemente a escravização, os colonizadores exploraram intensamente os países do continente africano de diversas maneiras.

Nesse ínterim, não se previa que a herança cultural dos africanos viria exercer um impacto significativo na formação sociocultural das Américas, especialmente no Brasil. A língua portuguesa, por exemplo, foi fortemente influenciada pelas línguas étnicas do Congo e Angola (PRANDI, 2000). Ademais, a diáspora ocasionou vários movimentos, obviamente que nesse meandro causou sofrimentos e desumanização, todavia, aqueles que conseguiram retornar às suas origens no pós-colonial puderam tirar disso uma resistência para mostrar que o mundo ocidental é africanizado (MALOMALO, 2018).

José Antônio dos Santos (2008), destaca em seus estudos a biografia de Mohammah Gardo Baquaqua, nascido em Zoogoo, interior da África. Ele se movimentou e esteve presente em vários locais do mundo. Sua biografia é uma expressão do processo diaspórico, foi escravizado no Brasil no ano de 1845, até conseguir alçar sua liberdade dois anos depois

indo para os Estados Unidos. A intenção dele, segundo Paul Lovejoy (2002), era voltar à sua terra de origem, portanto, traçou várias rotas para conseguir chegar lá. Não há confirmações se Baquaqua conseguiu voltar para a África, todavia, a sua trajetória demonstra a força que teve diante dos horrores da escravidão, conseguiu sobreviver a violência com pretensão de conquistar a liberdade e retornar a suas raízes.

Apesar do Ocidente possuir uma ideologia racista de negação colocando-os como não pertencentes a lugar nenhum, a diáspora fez com estivessem em várias localidades. Dessa maneira, produziu intelectuais negros, possibilitou “misturas que extrapolam a noção de raça, desterritorializam a cultura e nos indicam um circuito comunicativo que modifica e transcende as fronteiras étnicas e nacionais” (SANTOS, 2008, p.185).

Os africanos mantem vivo o interesse em deslocar-se e ultrapassar as fronteiras seja da cidade, do país ou do continente de origem. Em conformidade com o pensador Paul Gilroy (2002, apud SANTOS, 2008, p. 185), a diáspora é “um processo dinâmico, multifacetado, o qual rompe com aquelas ideias cristalizadas que tomam a diáspora africana como um fenômeno preso ao passado”. A diáspora possibilitou e continua permitindo a interação e as trocas culturais, aspectos fundamentais a serem considerados para a compreensão dos fluxos migratórios dos africanos na atualidade.

Nessa perspectiva, para o pensador Abdelmalek Sayad (1998), a emigração e imigração devem ser analisadas com um olhar pós-colonial, em todas as suas especificidades. Isso permitirá dar valor às histórias e aos sujeitos envolvidos, bem como ouvir aqueles que foram invisibilizados por séculos. Portanto, o fenômeno da migração não deve ser reduzido a uma visão eurocêntrica, é preciso olhar para as particularidades, práticas socioculturais de quem emigra.

Se a mobilidade, o livre deslocar pelas terras do mundo estavam no coração dos africanos muito antes do processo forçado da escravidão, atualmente continua sendo extremamente importante.

No cenário migratório atual, os africanos deslocam-se intensamente dentro do seu próprio continente, ou seja, entre países africanos. Em análise realizada por Clemente (2022) com base nos dados do jornal *Le Monde*<sup>2</sup>, em 2018, o contingente de imigrantes internacionais nos países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Em concordância com a pesquisadora Claudelir Corrêa Clemente “Naquele ano, de acordo com o jornal francês, a China ocupava o primeiro lugar no ranking de país de origem dos imigrantes em territórios vinculados à OCDE, seguida de nações como Romênia, Índia, Polônia, Vietnã, México, Síria e Filipinas. O primeiro país africano a aparecer é o Marrocos, em 18º lugar, com um contingente de 71 mil migrantes, apenas 4% do total de ingresso” (2022, p. 234).

Econômico (OCDE), era estimado em 5,3 milhões, dos quais apenas 300 mil eram naturais da África, ou seja, a migração transcontinental é uma prática adotada por um número restrito de africanos. Essa constatação indica que é costume deles se deslocarem mais nos territórios da África, onde exercem funções de gestão executiva em empresas transnacionais, conduzem atividades comerciais, como a venda de tecidos, especiarias, produtos de beleza, entre outros. Além disso, é comum para eles estabelecerem relações matrimoniais entre diferentes etnias, estudar e buscar oportunidades profissionais, entre outras motivações. (CLEMENTE, 2022).

As migrações internas fortalecem as populações africanas que crescem economicamente e desenvolvem suas cidades ao criar redes de solidariedade, estabelecer laços sociais com as trocas e negociações. Ademais, redefinem padrões, ressignificam tradições a todo momento mesmo em meio as dificuldades ocasionadas pelos resquícios do colonialismo na realidade africana. A população africana não só foi subjugada a condição de trabalho forçado em regime de escravidão no período colonial, como também continuaram sendo submetidos a trabalhos precários em um regime assalariado no período pós-colonial (SILVA, M. 2020). Em virtude disso, pensadores como Frantz Fanon (1925-1961), Aimé Césaire (1913-2008) e Abdelmalek Sayad (1933-1998) em suas teorias questionam o fim do colonialismo e afirmam que ele ainda está presente, manifestando-se de forma profunda e arraigada através da colonialidade.

A colonialidade do poder foi alvo da atenção do sociólogo peruano Aníbal Quijano, cuja argumentação sustenta como a instalação e consolidação da sociedade moderna capitalista deu-se intimamente associada a uma configuração específica das relações de poder, calcada em classificações pautadas na raça, no gênero e no trabalho. A tese de Quijano é que a racialização cumpriu um papel de destaque para o ordenamento do “padrão mundial do poder capitalista eurocêntrico e colonial/moderno. (VILLAMAR; RIBEIRO, 2020, p. 54)

Sendo assim, os impactos da colonização geraram o binarismo que dividiu os países em Norte-Sul – desenvolvidos e subdesenvolvidos. O etnocentrismo europeu ocasionou “a constituição e formalização daqueles que passam a ser os países de expulsão e os países de atração, revelando as hierarquias constituídas entre Norte e Sul, entre desenvolvimento e subdesenvolvimento”. (VILLAMAR; RIBEIRO, 2020, p. 55). Somado a isso, com o avanço do sistema capitalista, também se avançou a perversidade. A força do capitalismo envolve todas as nações, atingindo diretamente populações de diferentes maneiras, “obrigando” que fluxos migratórios ocorram em função do próprio sistema.

Na pandemia do vírus Covid-19 que se propagou pelo mundo a partir do ano de 2020, as fronteiras foram fechadas. Mas mesmo nesse cenário, não houve redução do número de

imigrantes neste início da década de 2020. De acordo com as Nações Unidas (2021), há mais que um Brasil em movimento pelo mundo, cerca de 281 milhões de pessoas<sup>3</sup>.

Dentre esses 281 milhões há um número irrisório de africanos migrando para fora de seu continente. Tendem a escolher países que ofereçam melhores oportunidades educacionais, culturais e econômicas. Os destinos costumava ser países europeus, asiáticos e norte-americanos, onde há mais oportunidades de emprego e uma chance maior de melhorar a qualidade de vida de si mesmos e de suas famílias (CLEMENTE, 2022).

Contudo, enfrentam inúmeras adversidades que reduzem suas perspectivas de melhorias na qualidade de vida, incluindo preconceito, discriminação, e disputas por trabalho com a população local, entre outros infortúnios. Além disso, os migrantes africanos vêm de diferentes nacionalidades, como senegaleses, angolanos, congolezes, nigerianos, entre muitos outros, mas são frequentemente categorizados como "africanos" e racializados como se pertencessem a um grupo homogêneo de "negros" (MUNGOI, 2012). Essa generalização desconsidera as diversidades existentes entre eles, suas diferentes visões de mundo, culturas singulares e sonhos em relação aos seus deslocamentos (SPRANDEL, 2013).

Na verdade, desde o ano 2000, muitos países endureceram suas leis devido aos eventos do 11 de setembro e ao aumento do discurso anti-imigração promovido por grupos de extrema direita. Infelizmente, essas leis restritivas costumam ser aplicadas com mais rigor aos migrantes provenientes de países subdesenvolvidos, e do continente africano. (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021).

Além disso, a crise econômica de 2008 teve um impacto significativo na Europa e nos Estados Unidos, gerando um aumento no desemprego e uma mudança no fluxo migratório, que passou a ser Sul-Sul. Consequentemente, as dificuldades econômicas e as barreiras de entrada nos países do Norte Global fizeram do Brasil um destino atraente para imigrantes provenientes do Sul Global, incluindo os africanos que, embora em menor número, estão presentes no país (CAVALCANTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 12).

À vista disso, a fim de compreender as motivações dos fluxos migratórios africanos dirigidos ao Brasil, no século XXI, atento-me em abordar os oriundos, respectivamente da: Angola, Senegal, República Democrática do Congo (RDC) e Guiné Bissau.

---

<sup>3</sup> No Relatório Mundial das Nações Unidas sobre Migração no ano de 2022, consta que “havia 281 milhões de migrantes internacionais, no ano passado, o equivalente a 3,6 % da população global. O aumento ocorreu apesar do impacto dramático da pandemia sobre a migração, que incluiu o fechamento de fronteiras. O estudo revela 108 mil restrições para conter a Covid-19 afetaram a mobilidade, mas não impediram o movimento entre os países” (NAÇÕES UNIDAS, 2021).

## 1.1 MIGRAÇÃO ANGOLANA PARA O BRASIL

A fim de compreender melhor as razões pelas quais os angolanos têm migrado de sua terra natal para o Brasil nos últimos anos, é preciso examinar alguns aspectos da longa história da República de Angola.

Em primeiro lugar, rememoro que a lógica mercantil dos portugueses afligiram drasticamente o continente africano, tal como mencionado nos parágrafos anteriores, os grupos étnicos - principalmente os bantos - que viviam lá há milênios com sua própria estrutura social, tiveram seus modos de vida interferidos com a presença dos colonizadores. O processo exploratório de Portugal no século XV começou na Angola, situada na região sul, e estendeu-se por toda a África (CAREGNATO, 2010).

No território angolano existia o Reino do Kongo que possuía uma organização social e política muito bem definida, no entanto, quando os portugueses chegaram, modificaram paulatinamente de maneira perversa as práticas culturais, hábitos e costumes desses povos nativos (CAREGNATO, 2010). Outrossim, esses grupos étnicos tinham diferenças entre si, e por vezes, algumas rivalidades que foram estimuladas pelos portugueses para exercerem seus domínios.

A ocorrência da desagregação do sistema colonial em meados do século XIX em diversos países, somado aos conflitos políticos e econômicos em escala global, incentivaram a criação de movimentos anticolonialismo (SILVA, A. 2018). Contudo, a Angola teve uma enorme dificuldade de se tornar independente, devido a Portugal tentar resistir ao máximo para permanecer com suas colônias. No entanto, houve a revolta armada de grupos políticos e étnicos que levou à independência em 1975. Porém, a presença de diversas etnias com culturas, interesses e ideologias distintas nos movimentos de libertação angolana (SILVA, A. 2018), não livrou a população dos conflitos, visto que rivalizavam entre si, eclodindo uma guerra civil pós-independência que perdurou 27 anos (SILVA, A. 2018).

Em meio à guerra civil em Angola, muitos angolanos optaram por emigrar em busca de condições de vida melhores. O Brasil foi escolhido como destino principalmente devido à proximidade da língua portuguesa e aos laços culturais e históricos entre os dois países. Geralmente, o processo começa quando os angolanos entram em contato com a Embaixada Brasileira para solicitar um visto de estudante ou turista, para facilitar sua entrada no Brasil, e posteriormente solicitam refúgio (TELES, 2013, p. 11). Eles estão em várias cidades,

sobretudo em São Paulo, onde muitos atuam como comerciantes e outros como estudantes universitários (TELES, 2013).

O angolano Neves (pseudônimo), ao dar uma entrevista a pesquisadora Teles (2013), relata os percalços dos angolanos desde a partida de Angola, até a chegada e permanência no Brasil. Neves, como muitos outros, precisou deixar a família onde moravam, para fugir da guerra, a fim de refazer a vida e ter condições de buscá-los. Sem conhecer ninguém, sem apoio, e com pouco dinheiro, desembarcou no Rio de Janeiro, e depois foi para São Paulo.

Neves chegou a ser confundido com traficante por policiais quando chegou na capital paulista. Quando conseguiu encontrar outro africano, foi levado por ele até a CASP (Cáritas Arquidiocesana de São Paulo), uma associação de acolhimento, onde pôde solicitar refúgio. Após muitas tentativas, o pedido de refúgio foi concedido. Contudo, apesar de existirem instituições não governamentais que prestam assistência a imigrantes e refugiados, há muita dificuldade de inserção desses indivíduos na sociedade, Neves diz que precisou batalhar para sobreviver. Ademais, permaneceu no Brasil sozinho durante 2 anos, até conseguir trazer sua esposa, filhos e irmão, estando agora a mais de 10 anos no país.

Outrossim, ressalta que embora tenham contato com os costumes e tradições do Brasil, procuram manter viva sua própria cultura, especialmente quando se trata da educação de seus filhos. Oliveira, irmão de Neves, reforça essa ideia, destacando que, mesmo vivendo no Brasil, nunca perderão sua identidade (TELES, 2013, p. 96). Devido aos entraves que vivenciam diariamente como imigrantes, os angolanos que residem na metrópole paulistana criam redes de apoio para, no que Neves diz “uma mão lavar a outra” (TELES, 2013, p. 98), desse modo, se reúnem para socializar, comercializar, festejar etc.

Esse relato de Neves expressa os desafios que os imigrantes africanos enfrentam. Quando chegam no Brasil são estigmatizados, vistos como suspeitos e possuem diversos obstáculos para viverem dignamente. Todavia, nunca perdem a esperança, se superam a todo momento, como no caso de Neves que mantinha o sonho de se reunir a família, pintava quadros par vender representando as mulheres africanas, angolanas, suas culturas, força e determinação (TELES, 2013, p. 103).

## **1.2 MIGRAÇÃO SENEGALESA PARA O BRASIL**

Se tratando do Senegal, se comparado a outros países africanos, teve um o processo de independência e democratização no pós-independência de forma mais branda.

Situado na costa oeste da África, assim como Angola, o território era composto por

vários reinos e etnias antes da colonização por potências europeias, como Portugal, Holanda, Inglaterra e França. A República do Senegal foi disputada por esses europeus que tinham interesses comerciais no território senegalês, mas acabou sob o domínio da França (SENEGAL..., 2021)<sup>4</sup>. Quando vemos documentários que mostram o Senegal<sup>5</sup>, é perceptível as heranças coloniais em relação as arquiteturas presentes no país, e a influência no idioma, já que tem a língua francesa como oficial. Outrossim, um aspecto extremamente importante de ser mencionado a respeito da história do Senegal é a forte relação que possuem com o islamismo, devido à presença árabe, séculos antes do processo de colonização europeia (SENEGAL..., 2021).

De maneira semelhante à maioria dos países colonizados, o Senegal possui alguns problemas econômicos e sociais em decorrência de todo o processo histórico de dominação e escravização. O fluxo migratório de senegaleses é consideravelmente alto e incentivado pelo governo como uma possibilidade de crescimento dos jovens, pois assim que retornam para o país podem contribuir economicamente (DIALLO, 2021), ou seja, vão em busca de qualificações para garantir uma melhor qualidade de vida aos seus conterrâneos.

Todavia, há algumas implicações nisso, principalmente considerando os aspectos políticos do Senegal, o pesquisador Diallo (2021, p. 199) cita que o presidente atual Macky Sall pertence a uma etnia (Peulh) que tem o costume de migrar. Como as questões étnicas possuem força nas decisões políticas do país, o presidente tira proveito disso transformando a migração em algo favorável ao Estado, para obter recursos dos cidadãos que migram:

um dos principais objetivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e dos Senegalês do Exterior é valorizar os efeitos positivos da migração senegalesa em proveito do desenvolvimento socioeconômico local e nacional. Os migrantes senegaleses são tidos como parceiros financeiros do Estado [...] (DIALLO, 2021, p. 199).

---

<sup>4</sup> As normas ABNT NBR6023 utilizadas para referenciar vídeos são as mais atualizadas até a data que o trabalho foi desenvolvido. Desse modo, a norma NBR6023 não traz exatamente como referenciar vídeos, mas para garantir a confiabilidade, geralmente os trabalhos acadêmicos na citação indireta possui entre parênteses o início do nome do vídeo, seguido de reticências e o ano de publicação no corpo do texto. Já na citação direta além de estar entre parênteses o início do nome do vídeo, seguido de reticências e o ano de publicação, também está a minutagem da fala extraída. O material audiovisual também está referenciado nas referências bibliográficas.

<sup>5</sup> (EP1) África, Senegal. Onde tudo começou!. Gravação de Anderson dias. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal 196sonhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UO9fJAN8a24&list=PLaw98X-lykVDIHQm-mxrMpBMBB5mXAUAR&index=1>. Acesso em: 1 fev. 2023.

BEM-VINDO ao SENEGAL! | SENEGAL 01. Gravação de Luca Bassani. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (21 min). Publicado no canal Luca Bassani. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZxTHNGc9Nc&t=678s>. Acesso em: 1 mar. 2023.

Não obstante, uma definição geral sobre migração não contempla a totalidade envolvida nos deslocamentos realizados pelos senegaleses, desse modo, é um fato social total<sup>6</sup>, já que há múltiplas causas para o constante movimento presente no país que pode ser motivada por “uma questão política, demográfica, jurídica, sanitária, econômica, cultural, religiosa, e envolve um grande número de senegaleses” (DIALLO, 2021, p.198).

Tendo isso em vista, o Brasil acaba configurando como uma possibilidade, o fluxo migratório dos senegaleses concentra-se mais na região Sul e Sudeste (mais precisamente São Paulo e Rio de Janeiro). A maioria que migra são homens jovens que vão em busca de trabalho ou abrem seus próprios comércios, por vezes, para mandar dinheiro aos familiares que ficaram no local de origem, ou simplesmente realizam projetos de vida.

A fé islâmica é seguida pela maioria deles, quando vão em busca de empregos, por vezes são recrutados por frigoríficos, visto que estes para exportarem suas carnes aos países muçumanos adotam a técnica de abate “Halal”. Essa técnica envolve diversos procedimentos ritualísticos em conformidade com as crenças islâmicas a qual os senegaleses possuem. Desse modo, contribuem para o país ao ceder suas práticas culturais de abate para as indústrias, principalmente os que estão na região Sul (DIALLO, 2021).

Na cidade de São Paulo, os senegaleses juntamente com imigrantes de outras nacionalidades, dão uma “nova cara” para a cidade, segundo o jornalista Guilherme Soares Dias (2019), realizam em público, normalmente em uma praça, seus rituais religiosos com danças, cantos e vestimentas característicos do seu país.

Em diversas ruas e avenidas há mini comércios a qual vendem roupas, acessórios, alimentos, e alguns conseguem visibilidade no cenário mercadológico, como a senegalesa Mama Diamu Fallo que fabrica seus próprios tecidos fazendo referência a cultura africana, para revenda. Mama possui a sua própria empresa, com apoio de outros imigrantes e instituições de acolhimento, teve suas peças utilizadas por diversos artistas brasileiros (DIAS, 2019).

Em suma, podemos refletir que a migração é extremamente complexa e embora tenha implicações políticas, “continua sendo um investimento fundamental na trajetória de muitas famílias africanas” (DIALLO, 2021, p. 201).

---

<sup>6</sup> O autor Alfa Oumar Diallo (2021, p. 198), fez referência ao conceito do antropólogo Marcel Mauss (1872-1950).

### **1.3 MIGRANTES DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC) NO BRASIL**

A República Democrática do Congo (RDC) está situada na África Central, antes de estar sob domínio da Bélgica, recebia um grande fluxo migratório de povos de origem banto que se encontravam na região do Saara. Posto isto, os congoleses possuem origem banto, e apesar de também terem recebido povos de outras etnias (HONORATO, 2019), os bantos são o grupo que mais geraram influência na formação populacional congolesa.

O país tem historicamente uma característica de receber imigrantes, acolhendo povos que transitavam livremente pelo continente africano. No entanto, essa realidade se transforma quando ocorre a colonização, pois em vez de receberem pessoas do continente, passam a ter em suas terras a presença dos europeus e a migração forçada de sua população para serem escravizados (HONORATO, 2019).

Entretanto, no que concerne o período colonial, por mais que tenham se tornado colônia belga - administrada pela Bélgica -, seu aspecto de imigração não se alterou, continuou sendo uma região de atração, mas de um fluxo migratório europeu, principalmente belgas, que se estabeleciam na colônia (HONORATO, 2019). Quando estavam prestes a conquistarem sua independência em meados de 1960, a presença de belgas diminuiu, enquanto a população congolesa aumentou com a expansão urbana.

Após alçarem a independência em 1960, o país passou por diversos conflitos, entre a Primeira República, e a Segunda República. A Primeira República refere-se ao momento inicial do Congo como um país independente, porém o cenário era conturbado, visto que a estrutura colonial permanecia na sociedade, trazendo consequências políticas e econômicas (HONORATO, 2019). A situação piorou quando ocorreu um golpe militar que perdurou 32 anos, com o Mobutu Sese Seko no poder, sendo essa a Segunda República. Mobutu transformou o país – que passou a ser chamado de República do Zaire - em uma ditadura que servia aos interesses ocidentais, em meados de 1965 (HONORATO, 2019).

É notável que a migração está presente como pano de fundo em todos os processos históricos pelos quais a República Democrática do Congo passou.

Mesmo sob o domínio de Mobutu, a característica do país como um local de imigração não diminuiu, pois continuou a receber trabalhadores europeus e africanos. A novidade nesse período foi que os congoleses – pertencentes a elite – começaram a emigrar e

estabelecer uma relação de imigração temporária com a Bélgica que até aquele momento não recebia imigrantes congolezes (HONORATO, 2019).

Na década de 70 o regime de Mobutu começou a ser contestado por opositores que iniciaram uma guerra civil, e apesar de não terem tido sucesso, o país que antes tinha um grande fluxo migratório, viu esse processo diminuir devido as tensões políticas (HONORATO, 2019).

Na década de 80 e 90 a situação se agravou com uma crise econômica, combinado com a instabilidade política e descontentamento da população que se rebelou. Essa revolta ocasionou um período extremamente conturbado, e o aspecto de recepção de imigrantes foi substituído para ser um país de emigração dos congolezes que vão em busca de refúgio. Inicialmente o destino principal dos congolezes era a Bélgica, no entanto, conforme a crise humanitária se agravava passaram a migrar para outros países (HONORATO, 2019).

É perceptível uma forte presença de congolezes advindo da República Democrática do Congo (RDC) no Brasil, em meados do ano de 2003, tendo como direção a região Sudeste, especialmente a cidade do Rio de Janeiro e São Paulo.

#### **1.4 MIGRANTES DA GUINÉ-BISSAU NO BRASIL**

Os bissau-guineenses, assim como os congolezes, hoje vivem no Brasil devido à fragilidade política, econômica e social de seus países de origem.

A Guiné-Bissau faz fronteira com o Senegal, e encontra-se na África Ocidental, alçou a independência dos colonizadores portugueses em meados de 1973, todavia, embora seja democrático há muitas instabilidades no que diz respeito a participação popular nas decisões políticas (RIBEIRO, 2022). Além disso, os bissau-guineenses enfrentam a violência, pobreza, falta de oportunidades que acaba estimulando a migração para outras localidades. Assim como a grande maioria das nações africanas, Guiné-Bissau possui a mobilidade em seu cerne, o livre movimentar de grupos étnicos como Manjocos e Fulas influenciaram na dinâmica cultural e social dos guineenses (RIBEIRO, 2022).

Outrossim, devido as relações com a coroa portuguesa no período da colonização, há um grande fluxo de migração em direção para Portugal, mesmo após o movimento de libertação do país, os guineenses normalmente buscam viver nas terras portuguesas. Segundo fala de uma mulher Fula para Ribeiro (2022, p. 24):

Portugal está na Guiné-Bissau desde muito tempo, é natural, que eu também chegue até aqui, temos família aqui bem antes da luta de libertação, quando vieram para estudar, e depois por causa da guerra, ‘tá vendo esses prédios aí, são de muito tempo, anos 70, contava meu pai, e muitos guineenses foram os primeiros a morar aqui no Vale da Amoreira.

Entretanto, quando os Estados africanos estabeleceram acordos de cooperação com o Brasil, este se tornou atrativo para muitos guineenses que ao chegarem em solo brasileiro costumam empreender, entrar na universidade e ocupar diferentes espaços.

Nessa perspectiva, angolanos, senegalês, congolese e bissau-guineense, possuem histórias de vida que se distinguem em alguns aspectos, mas são semelhantes no que concerne a busca por recomeço. De acordo com Vieira (2015), os congolese e angolanos estabeleceram uma rede de solidariedade, uma vez que a assistência governamental brasileira é insuficiente. São as conexões e parcerias entre os imigrantes que os auxiliam a enfrentar os desafios diários. Ademais, essa solidariedade é um ato característico entre os africanos, como relatado para a pesquisadora (VIEIRA, 2015, p. 69) o congolês chamado por ela de “C”. No ano de 2006 foi criada a Comunidade Anjo-Congolese do Brasil no Rio de Janeiro, “a rede que esta organização plantou na sociedade congolese ao viver no Rio de Janeiro podem fazer a diferença na construção das relações e na possibilidade de uma nova vida que recomeça”. (VIEIRA, 2015, p. 69).

A força que há entre eles, e o desejo de progredir em conjunto, faz com que compartilhem sonhos, esperanças, determinação, e sobretudo a vontade de conquistar uma vida melhor, sendo assim, o Brasil se configura como uma possibilidade.

## **CAPÍTULO 2 - A PERSPECTIVA DOS MIGRANTES**

Essas quatro nacionalidades me chamaram atenção quando iniciei minha monografia nos anos fatídicos de 2020 e 2021, períodos mais críticos da covid 19. Por meio do grupo de pesquisa Mobilidades, Vínculos Sociais, Território e Etnicidade (MOVITE), coordenado pela minha orientadora profa. Dra. Claudelir Corrêa Clemente, tivemos a oportunidade de acompanhar a intensificação do ativismo político-cultural, dos imigrantes africanos que participam do coletivo de imigrantes de várias partes do mundo, chamado de Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas da USP.

No período de 2020 ocorreram muitos encontros virtuais em decorrência da pandemia que dificultava as discussões do Fórum em caráter presencial. Em um desses encontros pude

participar como ouvinte para acompanhar o desdobramento da luta dos ativistas e familiares do angolano João Manuel que havia sido assassinado naquele ano, na cidade de São Paulo, por motivações racistas e xenofóbicas. Nessa ocasião, fui apresentada aos presentes como estudante de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e orientanda da profa. Dra. Claudelir. Lá conheci as histórias dos imigrantes africanos que estão no Brasil e o que enfrentam diariamente com a xenofobia e o racismo tão fortemente presente no país. Como ouvinte e observadora daquele momento, me sensibilizei com a dor daquela família, e dos imigrantes presentes que demonstravam a sua força, coragem e garra para buscar por justiça. Por conseguinte, após aquela reunião, passei a me interessar em compreender os processos migratórios, e o ativismo dos migrantes para o enfrentamento do racismo e xenofobia no Brasil.

Ademais, o Fórum Fronteiras Cruzadas possui um canal na plataforma *Youtube* que foi extremamente importante para realização de *lives* durante a pandemia, e também me conferiu a possibilidade de acompanhar com mais afinco a atuação que possuem para pensarem os desafios sociais, o papel da migração e da negritude no Brasil para transformação social.

Nesses encontros virtuais, conheci a Hortense Mbuyi Mwanza, nascida na República Democrática do Congo, é mãe, advogada, ativista coordenadora da Comunidade Congolês no Brasil (CCB), supervisiona o coletivo Consolidação dos Imigrantes (CCI) e também faz parte do Conselho Municipal de Imigrantes de São Paulo (CMI). Em sua narrativa na Conferência Internacional de abertura da 3ª edição do Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas, Hortense esclarece que é uma pessoa muito positiva, e percebe a migração como uma possibilidade de evolução da pessoa (CONFERÊNCIA..., 2020, 47 min 26 s). Ela menciona como os imigrantes saem de seus países de origem por diversas razões, e embora tenha, nas palavras dela, essa “mistura”, ou seja, pessoas migrando por motivações diferentes, todos eles têm como ideal reconstituir a vida (CONFERÊNCIA..., 2020, 48 min 6 s).

Em sua perspectiva, o fluxo migratório ocorre principalmente com a fuga de cérebros, isto é, jovens universitários, intelectuais, aqueles que lutam pelo país e sofrem perseguição política (CONFERÊNCIA..., 2020, 50 min 45 s). No entanto, embora muitos países estejam recebendo aqueles que pensam e produzem saberes, acabam por ignorar essa formação profissional e intelectual, fazendo com que os imigrantes adentrem o mercado de trabalho desempenhando trabalhos precários e exploratórios, sem que de fato possam ter um crescimento e construir uma boa vida (CONFERÊNCIA..., 2020, 51 min 37 s).

As suas falas sempre são carregadas de muita potência, indo no cerne da questão da migração no Brasil, enfatizando como o país não acolhe os imigrantes devidamente, apenas recebem os deixando em condições de vulnerabilidade (CONFERÊNCIA..., 2020, 57 min 6 s). Ademais, despreza-se as bagagens e experiências profissionais que os imigrantes possuem e poderiam contribuir para a transformação do país e conseqüentemente do próprio imigrante que carrega consigo sonhos, expectativas e projetos de vida (CONFERÊNCIA..., 2020, 52 min 41 s). Além disso, lidam também com a discriminação, choque cultural, visto que a maneira de conversarem, o tom de voz, expressão corporal, gestos etc., são diferentes e até que consigam se adaptar é um processo muito difícil, por essa razão, ela defende que deve haver políticas públicas de integração social dos imigrantes (CONFERÊNCIA..., 2020, 53 min 19 s).

Hortense luta pelo direito de ser advogada no Brasil e potencializar vozes de mulheres africanas que estão tentando construir a vida no país, assim como Prudence, outra ativista que tive oportunidade de conhecer. A Prudence Kalambay é artista, modelo, palestrante, empreendedora, ativista de direitos humanos, também nascida na República Democrática do Congo, está no Brasil há 12 anos. Como atriz, participou da novela brasileira Órfãos da Terra, do clipe musical da cantora brasileira Iza, e também liderou um grupo de mulheres imigrantes e refugiadas.

Prudence no lançamento da Mostra Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes organizado pelo SESC Carmo em 2020, chamou a atenção para os direitos dos migrantes no Brasil, principalmente para as mulheres mães solas. Por meio da arte, mais precisamente da dança, a congoleza conta a sua jornada para servir de inspiração para outras mulheres imigrantes que, por vezes, vivem sozinhas sem um espaço de acolhimento (VÍDEO-CARTAS..., 2020). Prudence explica como foi uma surpresa para ela chegar no Brasil e ser tratada como uma mulher negra, pois em seu país não existe essa racialização, pior ainda foi ter que lidar com a filha sofrendo racismo na escola, sendo chamada de macaca pelos colegas, coisa que ela nunca havia enfrentado e jamais imaginava que aconteceria (VÍDEO-CARTAS..., 2020, 45 min 46 s).

Portanto, por meio do Fórum e outros espaços que ocupa, Prudence faz com que a sua voz também seja a de outras mulheres, para denunciar os preconceitos, os desafios raciais, linguísticos, culturais e sociais das imigrantes, e como é possível conseguir vencer essas barreiras no Brasil.

Outrossim, o Fronteiras Cruzadas produziu uma campanha audiovisual para homenagear o angolano João Manuel. Nesse espaço, o bissau-guineense Vensam Iala mandou

um recado trazendo aspectos positivos para os africanos que ainda estão na África e nas diásporas que pretendem se estabelecer no Brasil, apesar dos desafios (NÓ BAI..., 2021, 15 s).

Vensam Iala se formou em Letras pela UNESP, estando na universidade, notou como há um desconhecimento em relação ao continente africano no Brasil, por esse motivo, criou o projeto “Visto África” com o intuito de desmistificar os estereótipos em torno da África, usando o slogan “África não é um país”. Utilizando a rede social *Instagram*, o guineense evidencia os aspectos culturais, a biodiversidade de Guiné-Bissau, além de chamar a atenção para a importância de estudar sobre o continente de maneira profunda para se construir uma nova narrativa. Em um diálogo no podcast “BWE podcast”, produzido pela FALABWE Studio, Vensam ressalta:

[...] Em Guiné-Bissau, por exemplo, nossas lideranças não são pessoas conectadas com o modo de vida dos 30 grupos étnicos da Guiné-Bissau, são totalmente europeias, são todas portuguesas [...] a democracia que tem base ocidental não vai nos representar, nós temos a nossa forma comunitária de viver. É uma forma que vem desde os grandes impérios, ninguém fala sobre isso, nós precisamos falar sobre isso. Existe uma sociedade organizada no continente africano antes da invasão colonial, por que não falamos sobre isso? Entende? É preciso falar sobre isso. Nosso processo de resgate hoje é voltar para essas Áfricas negligenciadas, porque essa África sempre existiu, mas ela é negada, não é contada. Nós estamos aqui estudando, o que nós estudamos é de uma base ocidental, referências ocidentais, não lemos os nossos. Eu sou formado em Letras, por exemplo, por uma universidade pública muito renomada que é a UNESP, mas a base curricular não fala sobre nossas filosofias, a história da África. É por isso que comecei esse movimento da Visto África, exatamente para mostrar o epistemicídio filosófico e literário que acontece nas universidades, isso é uma coisa sistêmica. O sistema é montado assim, para reproduzir pessoas que quando voltam para o continente atendem as demandas ocidentais e não as demandas do nosso povo [...] (VENSAM IALA..., 2022, 9 min 13 s).

Ele destaca como a cultura africana foi sequestrada, levando muitos a adotarem práticas culturais de outros povos. Segundo sua argumentação posterior, o resgate da ancestralidade representa um meio de superar as opressões que cercam o estilo de vida dos africanos:

[...] Eu acho que a gente não precisa de aval de ninguém, nós temos que começar de algum ponto, a meu ver eu acho que esse ponto é começar conhecendo a nossa história porque a gente não conhece nossa história, a história que sabemos, é a história que eles contam sobre nós. E a história que nós contamos? Que os nossos contam sobre nós? Cadê? Eu acho que é preciso conhecer a nossa história, eu acho que é um começo, porque se eu souber que sou pertencente a uma herança, a uma hierarquia, eu vou saber valorizá-la. Mas se eu não sei, eu vou acreditar naquilo que dizem que eu sou, é o que acontece, o que eles falam que nós somos é o que nós acreditamos. Acreditamos que a nossa pele é ruim, acreditamos que nosso cabelo é ruim, nós tentamos adotar o sistema deles, nós tentamos copiá-los. Eles tentam impor e impuseram pra nós uma cultura e nós nos aculturamos, dessa imposição, e é preciso romper com ela. O processo de rompimento é muito duro, e é um processo individual também de cada um [...] (VENSAM IALA..., 2022, 12 min 14 s).

Um ponto que me chamou a atenção durante a explanação foi quando ele mencionou que “[...] a cultura é um fator principal para emancipação de qualquer povo. Povo que não conhece a sua cultura, tá perdido. Você não vai se situar, você não vai ter rumo nem para onde ir [...]” (VENSAM IALA..., 2022, 16 min 34 s). Dessa forma, Vensam esclarece aos brasileiros que o acompanham o que de fato significa a África e a Guiné-Bissau, ao resgatar a cultura por meio de seus estudos, pesquisas e conhecimentos. Além disso, vale destacar a reflexão que ele promove acerca do papel da juventude africana:

[...] Eu acho que nós somos uma geração que pode fazer a diferença e se nós brincarmos vamos perder essa grande oportunidade de fazer a diferença, não quero que meu filho amanhã esteja aqui a falar sobre resistência ainda. Meus avós já resistiram, meus pais já resistiram, eu tô resistindo, para o meu filho resistir? Então qual é a finalidade da resistência? A gente resiste, cria forças, para poder derrubar nosso adversário, senão a gente vai ficar a falar de resistência e aí? O meu filho vai crescer numa sociedade que ainda vai falar de resistência? Não, nós temos que dar um passo adiante. E esse passo é com estratégia, a juventude africana tem essa responsabilidade, nós temos que comprar essa briga pra nós. Tem a agenda da ONU que até 2064 a maior população jovem do mundo vai ser africana. Onde vai estar a economia? A maior economia do mundo vai ser a África, por isso estão olhando pra lá. A gente não pode fechar os olhos, nós temos que olhar para o continente africano, e fazer uma volta pra lá e quando eu digo uma volta pra lá, não é necessariamente física. Pode ser uma volta ética, moral, ideológica [...] uma volta da consciência, da nossa história [...]. A nossa estratégia tem que ser focada na juventude [...] a estratégia é nossa, nós temos que focar em nós, criar estratégia conosco, acredito muito na nossa juventude. Ideologicamente nós estamos a abrir os olhos, conhecimentos nós começamos a ter também, tendo acesso [...] para que não percamos mais pessoas que vão reproduzir aquilo que Frantz Fanon vai falar de pele negra, máscaras brancas. Temos muito em nossa sociedade, pessoas que só acham que são africanos e ficam reproduzindo conceitos eurocêntricos. Não pode mais. Nós temos que nos blindar, mostrar o caminho certo [...] (VENSAM IALA..., 2022, 28 min).

Ademais, é importante destacar que ao chegar no Brasil, muitos imigrantes conseguem se reconectar com suas raízes ancestrais e espirituais, devido aos aspectos culturais que temos em comum. No podcast, Vensam relata que foi criado na religião cristã e somente tomou conhecimento das religiões afro-brasileiras após chegar ao Brasil. Esse processo foi significativo para ele, pois o motivou a buscar uma compreensão mais profunda das crenças de seus antepassados (VENSAM IALA..., 2022, 44 min 47 s).

Para mais, a preservação da cultura africana deixada pelos ex-escravizados tem sido assegurada pelo movimento negro brasileiro, o qual desempenha um papel fundamental nesse processo, pois ajuda a promover a conexão com o passado ancestral. Consciente dessa importância, Vensam salientou a necessidade de se aprofundar na história, retornar às origens

e conhecer a si mesmo, a fim de evitar ser guiado pelas narrativas alheias. (VENSAM IALA..., 2022, 48 min 2 s).

Inclusive, há também o projeto "Mira em África", liderado pela jornalista angolana Rudmira Fula, que promove eventos culturais para oferecer uma nova perspectiva sobre Angola e todo o continente africano, evidenciando sua diversidade, riqueza e culturas. Em 2021, Rudmira Fula foi convidada para participar da edição do Fixe Festival, organizado pela Inker Agência Cultural, que tem como objetivo reunir produções artísticas e culturais de países lusófonos. Durante o programa, transmitido pelo canal "Festival Fixe" no *Youtube*, Rudmira preparou um prato tradicional angolano chamado Mufete enquanto conversava com a chef baiana Aline Chermoul. Durante a conversa, Rudmira Fula abordou o seu projeto e também falou sobre a influência da culinária africana no Brasil:

[...] Mira em África é um projeto meu, uma série que traz uma África que a gente não vê na televisão, exatamente essa África também, como estamos aqui a falar, especificamente África de Angola, pois são muitas áfricas, gosto muito de deixar isso claro, porque quando se fala África aqui no Brasil, para muita gente África é um país. E eu falo áfricas para mostrar que são vários países lá dentro, com culturas diferentes, pessoas diferentes, tudo diferente, mas claro que temos algumas coisas em comum. Vou falar de um prato que é muito comido nos finais de semana, ou então quando há encontro entre famílias normalmente no sábado e domingo ou feriados, família se reúne... o prato é o Mufete. Tem vários outros, mas vou falar especificamente do Mufete que tem um conjunto de vários ingredientes, mas tudo a base da natureza [...] além do peixe, a banana da terra, mandioca, batata doce, cebola temperada com vinagrete, feijão, azeite de dendê [...] ([FIXE2021]..., 2021, 5 min 20 s).

Durante o preparo do prato, a chef Chermoulua destacou o seguinte:

[...] normalmente faço o feijão com dendê, mas não falo para as pessoas que o feijão tem dendê. As pessoas comem, acham saboroso, acham diferente, tem toda a experiência degustativa delas, e quando elas vêm me perguntar o que tem de diferente, aí eu revelo para elas que é o azeite de dendê [...] eu fazia tudo isso intuitivamente, eu não sabia que o feijão em Angola era temperado com dendê. Veja bem, aí a gente percebe o quanto a nossa ancestralidade está presente dentro da gente, quando a gente se permite, ela reverbera ([FIXE2021]..., 2021, 20 min 31 s).

Mira compartilhou muitas de suas experiências, desde os acontecimentos mais simples que ela considerava importantes até situações que a faziam lembrar aspectos de sua cultura, e ela tinha prazer em compartilhá-las. Logo após a chef Aline expressar sua surpresa em relação ao uso do tempero dendê também na gastronomia angolana, Mira compartilhou uma história que ilustrava um pouco da sua cultura:

Aconteceu em tempos aqui, eu ia para o mercado e queria tanto comprar hortelã, e acabei indo ao mercado e voltar, não me lembrei de comprar. Mas tem uma área no caminho que eu sempre me lembrava, porque lá tem hortelã. Aí lembrei “nossa, não comprei hortelã, acho que eu vou pegar aqui”, [...], mas tinha que bater na porta, fica no quintal, pra pedir permissão se pudesse pegar. Bati tanto, ninguém abria, era noite. Então quando comecei a desistir, dei uns passos pra trás, ia embora, alguém mexeu no portão. Bati de volta e pedi “moço, por favor, eu preciso de hortelã” [o moço foi pedir para a tia e permitiu]. Na hora que o moço me passou essa informação, me ocorreu a situação: eu não poderia pegar aquela hortelã. Eu olhava para o moço e ele falava “vai, pode pegar” e eu queria falar “pega pra mim, por favor”, só que seria chato, você vai pedir e ainda quer que vá pegar para você. Mas o que me ocorreu: eu, naquele momento, estava naqueles nossos dias, estava menstruada, e essa é uma questão nossa cultural, a mulher quando está nesses dias, não pode sair pegando em plantações dessas caseiras, alheias, senão seca. Isso me ocorreu só naquele momento, foi automático, eu não podia tocar [...], mas eu disse “não vai secar”, porque é uma outra cultura e as pessoas ali não iriam entender. Então eu peguei e saí, mas já pedindo “por favor, não seca” e não secou. E também deixei uma moeda de 10 centavos lá, porque para nós também é importante [...] é importante isso para essa plantação, deixar lá como uma oferta. Eu fiz isso, as pessoas não iriam entender, mas eu fiz isso aí, e não secou a planta ([FIXE2021]..., 2021, 21 min 34 s).

Conforme mencionado pela chef Aline “é uma cultura do contribuir, porque os 10 centavos não é necessariamente pra pagar, mas é para retribuir aquela doação que nos foi feita. Estou reconhecendo o que você me ofertou, então retribuo algo em troca” ([FIXE2021]..., 2021, 24 min 50 s).

A cultura africana é rica em detalhes e há muitas coisas bonitas que grande parte das pessoas desconhece. Com o seu projeto, Mira demonstra isso através da sua forma de explicar e compartilhar suas experiências, a fim de que mais pessoas possam compreender.

Assim sendo, Vensam Iala, Hortense, Prudence, Rudmira e tantas outras vozes migrantes encorajam a enfrentar os desafios com resiliência, por meio do ativismo político e do protagonismo na arte, buscando transformar a realidade dos imigrantes africanos.

Além disso, essas vozes migrantes desconstruem a ideia generalizada em torno do continente africano, resgatando a ancestralidade por meio de projetos artísticos e culturais. Ao incorporar a ancestralidade na arte, eles apresentam a história de uma perspectiva afrocentrada, possibilitando uma melhor compreensão das dinâmicas africanas e imaginando um mundo sem fronteiras, conforme Achille Mbembe (2019) defende. Nesse mundo, as pessoas negras teriam liberdade de circulação, sem se preocuparem com as amarras impostas pelo racismo e estigmatização.

Nessa perspectiva, os imigrantes se apoiam na valorização da cultura, tradição e ancestralidade como enfrentamento, “inventam modos singulares, múltiplos e diversos de se inscrever no mundo” (SATO, 2017, p.121). Esse propósito de trazer a luz a ancestralidade

africana é objetivo também do movimento afrofuturista<sup>7</sup> que surgiu em meados de 1990. Este movimento político nos situa no mundo, fomenta conexões e viabiliza a ocupação de espaços em diversos segmentos, para construir um futuro em que indivíduos negros sejam os protagonistas. Essa movimentação possibilita às gerações negras reconectar-se com sua negritude, percebendo-se como sujeitos criadores, produtores e capazes de transcender as amarras de um sistema que não os favorece. Além do mais, é uma oportunidade de conectar-se com seus antepassados e compreender seus lugares na história.

O protagonismo de artistas como Prudence fortalece a luta contra o racismo e a xenofobia, trazendo reflexões importantes para as mulheres imigrantes sobre nunca desistirem e persistirem em suas lutas:

A vida não é fácil, eu sou uma mãe, uma mulher jovem que saiu do seu país para ter uma nova oportunidade. Eu me encontro em um país infelizmente totalmente racista, eu me encontro no meio, de um lado pra cá não tem família, minha família são aqueles que estão ao meu redor. Comecei a pensar o que eu vou fazer para poder quebrar essa barreira, para poder mostrar que africano, pessoa negra, são gente como todo mundo, nós temos sangue vermelho que corre também como todo ser humano. Eu comecei a mostrar essa força, essa garra da mulher africana, essa mãe aqui solteira, solo, que cria seus filhos. Quantas mães como eu talvez não tem essa oportunidade de estar nesse espaço? Por isso eu falo que a minha voz, não é a voz da Prudence, levo minha história, a história da Prudence para representar várias mulheres como eu, várias mulheres africanas artistas também, dedicada também e talvez não tem espaço. Por que não tem espaço? Infelizmente nós africanos temos várias coisas que se encontra no meio, o preconceito racial, as oportunidades são menos. O que eu quero na minha luta é a valorização do nosso trabalho, o povo respeitar a presença da gente, a luta da gente, mostrar que nós somos seres humanos. (VÍDEO-CARTAS..., 2020, 50 min 7 s).

Prudence ocupa diversos espaços no Brasil sendo uma voz potente, expressando os sonhos que possui para si, e para os demais da comunidade africana. Ela é um exemplo de que os imigrantes não são um "peso" para a nação brasileira, visto que criam inúmeras possibilidades e oportunidades para todos os indivíduos presentes nos espaços que frequentam (SATO, 2017). As mulheres africanas como Prudence e Hortense desconstruem a visão estereotipada de que os imigrantes africanos vão para outros países apenas por conta de pobreza, miséria ou guerras. As migrações africanas não se limitam a essas condições, os africanos devem ter a liberdade de ir e vir por vontade própria, por sede de conhecimento, de trocas culturais, estabelecer laços e criar novas possibilidades, entre outras razões. (SATO, 2017).

---

<sup>7</sup> RODRIGUES, Paula. Como o afrofuturismo pode ajudar a estruturar modelos de sociedade mais justos para a população negra. In: **Ecoa UOL**. São Paulo: Fernanda Schimidt, 7 out. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

Adicionalmente, durante sua entrevista no podcast "BWE podcast", Vensam Iala, mencionou a respeito de seu projeto Visto África:

[...] Eu comecei essa luta para mostrar aos brasileiros e demais povos das diásporas que tem essa imagem estereotipada sobre o continente africano. E essa imagem, não é uma imagem que surgiu hoje, é uma imagem que surgiu desde a época da invasão colonial, os invasores traziam uma imagem sobre o continente africano, davam relatos sobre o continente africano, o resumido a um lugar único em que não tem uma diversidade muito cultural, muito étnico, muito linguístico. Nós compreendemos que temos algo que nos une enquanto africanos, isso nós sabemos [...] são várias coisas que a gente não precisa falar, a gente sente porque é o nosso modo de viver. Tem uma filosofia, uma das mais conhecidas no Brasil e em outras diásporas que é a filosofia do Ubuntu, em que mundo tem a filosofia do Ubuntu, mas que nós não denominamos? Os ocidentais têm esse negócio de dar nome as coisas. Pra gente, nós vivemos. Nós temos a nossa forma de viver. Na cultura africana, [...] tem algumas coisas que nos une e a gente não dá nomes, e eles dão, só que esses nomes que eles dão, na maioria das vezes não consegue explicar de fato o que é aquilo. Então eu trago essa narrativa de mostrar essa diversidade cultural existente no continente africano, para mostrar que existem várias Áfricas possíveis. Essas Áfricas não partem necessariamente daquela subdivisão geopolítica que nós temos. Nós começamos dali para mostrar que existe sim, é um fato que aconteceu, mas nós temos que partir dali para mostrar que existe várias Áfricas possíveis. Existe a Guiné-Bissau que tem cerca de 30 grupos étnicos, comprovado cientificamente, existe no Congo mais de duzentos grupos étnicos... então é importante mostrar aos brasileiros que essa África que por muitas vezes aparece de forma singular, ela é muito diversa, muito cultural, muito linguística, muito étnica. Então com a Visto África eu tenho trazido essa imagem, não só mostrar essa África com suas subdivisões, mas mostrar uma África positiva, porque parece que aqui só a resume a fome e a miséria, a guerra... e a África é muito mais que isso. Muitas coisas boas estão acontecendo no continente africano, avanços tecnológicos, nós sabemos que a África desde sempre foi tecnologia, foi ciência, e ninguém fala sobre isso! É ali que tudo começou. É preciso que nós, já que não falamos sobre isso, nós vamos falar sobre essas Áfricas positivas [...] (VENSAM IALA..., 2022, 18 min 35 s).

O projeto iniciado por Vensam teve início em 2012, quando ele ingressou na UNESP e notou a falta de representatividade negra no ambiente acadêmico, juntamente com a falta de conhecimento acerca da história da África.:

Eu comecei com a moda, trazia tecidos da Guiné-Bissau, levava para a faculdade e começava a explicar quem era os povos que faziam aqueles tecidos, qual o significado das estampas [...] quando me mudei para São Paulo em 2018 [antes ele morava no interior de São Paulo, na cidade de Assis], criei página [na internet], lancei campanha cívica com essa frase “África não é um país” e comecei a trazer uma imagem positiva do continente africano com vários vieses. O projeto tem a minha cara, mas tem várias pessoas que somam. No início tem angolanos que somaram, tem cara do Senegal, do Congo [...]. O Visto África tem um braço direito que é atender as mães solos imigrantes, é um projeto que surgiu no meio da pandemia [da covid 19], [...] vendemos vários produtos da Visto África e 50% vai para essas mães solos (VENSAM IALA..., 2022, 1h 2min).

Em conjunto com o produtor cultural angolano Ermildo Panzo, Vensam realizou um evento no Museu da Casa Brasileira no Dia da Consciência Negra em 2022. O objetivo era compartilhar a história da África a partir de suas perspectivas como africanos<sup>8</sup>.

Dessa forma, artistas afrodescendentes e africanos estão criando novas imagens e representações que desconstruem os estereótipos criados pelos colonizadores em relação às pessoas negras, na pretensão de engendrar novos olhares para a negritude. O angolano Neves entrevistado pela pesquisadora Teles (2013), por exemplo, ao usar a arte como sobrevivência, retratava em suas pinturas a cultura africana, as mulheres angolanas e suas singularidades. No relato que dá para Teles (2013), expressa o seguinte: “na minha arte, eu sempre represento a África, as nossas mulheres africanas, as nossas mamás, o movimento de cada dia, a nossa cultura, o jeito de levar nossos bebês, o jeito de usar nossos panos”. Segundo Teles (2013), foi por meio de sua arte que Neves pôde manter a conexão com suas origens. Ademais, poderia acrescentar que, além disso, Neves como imigrante em São Paulo contribuiu para mostrar aos brasileiros uma África totalmente diferente daquela “pintada” pelos canais televisivos que comumente demonstra o continente africano como um local assolado somente pela pobreza, ou seja, as formas pinceladas por ele apresentaram as particularidades de uma localidade constantemente desprezada.

Considerando esse contexto, no Brasil existem eventos que reúnem pessoas negras para celebrar a negritude e convidam o público a refletir sobre a África ancestral e contemporânea. Um exemplo disso é o projeto “Brasil é Congo: duas culturas, dois destinos”<sup>9</sup>, desenvolvido pelo SESC em 2022 na cidade de São Paulo. Nesse projeto, artistas congolezes expuseram suas criações nas áreas de música, dança, pintura, desenho, entre outras, retratando as singularidades da República Democrática do Congo. Além disso, foram realizadas oficinas para discutir a realidade dos imigrantes africanos. Entre esses artistas, destaca-se a congoleza Prudence Kalambay, que ministrou aulas sobre a história das danças africanas.

Outrossim, os países lusófonos têm práticas culturais difundidas pelos artistas para que o mundo reconheça a diversidade presente no continente africano, valorize o legado deixado, e a dinâmica que possuem na contemporaneidade. À exemplo disso está o artista Kalaf Epalanga Alfredo Ângelo, angolano que vive em Lisboa, compartilha em seu livro de

---

<sup>8</sup> Educativo MCB | Roda de conversa - Das Áfricas às Diásporas. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2022. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Museu da Casa Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ALxFjtVp-A&t=1216s>. Acesso em: 24 nov. 2022.

<sup>9</sup> CONGO e Brasil se encontram no Sesc Avenida Paulista. São Paulo: Sesc São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/congo-e-brasil-se-encontram-no-sesc-avenida-paulista/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

romance musical “Também os Brancos Sabem Dançar” (2017), as experiências de ser um imigrante, e sua pertença no mundo. Sendo autoficcional, Kalaf atrela sua personalidade com a ficção, criando um personagem que enfrenta os desafios das fronteiras, dúvidas internas sobre qual seria o seu lugar, enquanto imigrante: a terra que o concebeu, ou a terra que o recebeu (EPALANGA, 2021). Além disso, no romance, há passagens sobre o surgimento da dança Kuduro, extremamente popular em Angola e que ganhou a cena musical na Europa e no Brasil. Ao mencionar sobre esse estilo de dança, Kalaf por meio da literatura delinea o estilo de vida da juventude angolana. Demonstra uma Angola alegre, divertida, moderna, com jovens ressignificando o país, outrora assolado pela guerra, por meio de elementos estéticos, movimentos corporais, letras que fazem referência a realidade angolana, sua história, seus modos de serem no mundo (EPALANGA, 2021).

A dança Kuduro foi popularizada principalmente em Portugal, com o grupo musical “Buraka Som Sistema” de Kalaf, badalando as festas dos imigrantes africanos. No Brasil, segundo Faria (2014), essa dança passou a fazer parte do cenário carnavalesco da Bahia, sob influência da comunidade africana presente naquela região. Quando os imigrantes africanos se deslocam para outras regiões, levam consigo sua herança cultural e a difundem em seu novo ambiente. Isso faz com que elementos antes presentes apenas em seus lugares de origem passem a ser compartilhados em outras partes do mundo. Os brasileiros não só têm contato com uma manifestação cultural de outro país, como também possuem a possibilidade de conhecer um pouco da cultura angolana, o estilo musical, o som, expressões, vocabulários, imagens dos videoclipes que exploram as cidades mostrando como vivem, a vibração das crianças, jovens e adultos diante da música. A mobilidade possibilita essa aproximação entre mundos geograficamente distantes, o contato intercultural entre africanos e brasileiros, bem como o reconhecimento daqueles indivíduos como seres inspiradores, criativos, divertidos, talentosos, dinâmicos. Não à toa, no romance de Kalaf, seu personagem principal no final responde ao seu dilema de que pertence ao mundo musical, pois mesmo estando em outro ambiente, pelo ritmo Kuduro se conecta com suas origens, se sente em casa, livre para ser ele mesmo (EPALANGA, 2021).

Nesse contexto, ao relacionar o afrofuturismo com o processo migratório, pode-se dizer que os imigrantes têm a oportunidade de expor o universo africano ao deixarem seus países de origem. Eles demonstram que são indivíduos que carregam histórias e memórias que podem ser compartilhadas com aqueles que os recebem, além de garantir a preservação de seus costumes. Isso possibilita que diferentes pessoas se familiarizem com a africanidade, se conectem e partilhem experiências umas com as outras.

O político e escritor Leopold Sedar Senghor (1906-2001), além de exaltar a negritude em seus livros, teve a iniciativa de difundir a cultura africana por meio da dança durante seu mandato como presidente do Senegal. Nos anos 70, ele criou a escola de dança "Mudra Afrique" para preservar aspectos ancestrais do continente africano, combinando os conhecimentos da dança africana com o ballet clássico<sup>10</sup>. A coreógrafa senegalesa Germaine Acogny, que dirige a escola "Mudra Afrique", busca conectar dançarinos de todo o mundo por meio da corporeidade, expressando as experiências e simbologias dos africanos (SILVA, L. 2014). Com o objetivo de viabilizar essa conexão, Germaine Acogny percorre vários países com seus espetáculos, apresentando a vivacidade das cidades africanas por meio da dança. Nos anos 90, a escola Mudra Afrique passou por uma reformulação, transformando-se em um centro internacional de estudos de dança ancestral e contemporânea da África, sendo renomeada para Ecole des Sables (SILVA, L. 2014).

Nessa perspectiva, embora Germaine utilize o ballet clássico de origem europeia em sua dança, ela destaca e celebra a dança africana, incorporando elementos que ressaltam a força, tradições, hábitos, culturas e mobilidade dos povos africanos (SILVA, L. 2014). A sua dança traz esperança, humanidade, conexão com a ancestralidade e a contemporaneidade. Em meados de 1995 os artistas brasileiros reconheceram a importância da Ecole des Sables e convidaram Germaine para ser coreógrafa da companhia Balé Cidade de São Paulo. Como resultado, muitos bailarinos brasileiros viajaram para o Senegal com o objetivo de aperfeiçoar suas habilidades corporais sob a tutela de Germaine (SILVA, L. 2014). Esse processo exemplifica como os africanos estando pelo mundo, embarcando para o Brasil, trazem consigo, como disserta Mbembe “[...] parte dos modelos artísticos e culturais africanos contemporâneos [...]” (Achille Mbembe 2010, s/p, apud SATO, 2017, p. 121). Ademais, para o filósofo, a cultura é “[...] o modo como os seres humanos imaginam e arriscam pelo seu próprio futuro[...]” (Achille Mbembe 2010, s/p, apud SATO, 2017, p. 121), partindo desse pressuposto, os africanos, sobretudo, migrantes, quando decidem se deslocar para outros países, estão se arriscando e ao mesmo tempo espalhando a cultura africana e seus modos de existirem no mundo.

Como defendido por hooks<sup>11</sup> (2014) assumir a própria identidade é um ato político, especialmente para pessoas negras que, ao assumirem seus cabelos afros, por exemplo,

---

<sup>10</sup> SILVA, Luciane Ramos. Germaine Acogny: Escritas de um corpo em tempos reais. Revista O Menelick 2º Ato, [S. l.] 2014. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/danca-e-performance/teste>. Acesso em: 16 nov. 2022.

<sup>11</sup> A escritora Glória Jean Watkins (1952-2021), adotou como pseudônimo a grafia do nome “bell hooks” em minúsculo

desafiam a estrutura racista da sociedade que marginaliza e desvaloriza a aparência negra.

Essa atitude representa um meio de resistência e enfrentamento:

todos os tipos de publicidade e cenas cotidianas nos aferem a condição de que não seremos bonitas e atraentes se não mudarmos a nós mesmas, especialmente o nosso cabelo. Não podemos nos resignar se sabemos que a supremacia branca informa e trata de sabotar nossos esforços por construir uma individualidade e uma identidade. Como nas lutas organizadas que aconteceram nos anos 1960 e princípios da década de 1970, as mulheres negras, como indivíduos, devemos lutar sozinhas por adquirir a consciência crítica que nos capacite para examinar as questões de raça e beleza e pautar nossas escolhas pessoais de um ponto de vista político. (hooks, 2014, s/p).

Como afirma hooks (2020), o amor tem o poder de curar e transformar, especialmente quando se trata do amor que as pessoas negras sentem por si mesmas e por suas raízes. Esse amor próprio e reconhecimento de suas origens pode ajudá-las a perceber o poder que possuem para enfrentar um mundo circundado pelo racismo. Ao buscar transformar a realidade e imaginar possíveis futuros, esse movimento abala as estruturas existentes e desconstrói a falsa ideia de que as pessoas negras não contribuíram para o mundo com seus saberes, evidenciando que elas desempenharam papéis significativos como sujeitos históricos para além do contexto da escravidão. Além do mais, o livre movimentar de africanos nesse mundo globalizado, realça como ampliam seus horizontes, e de quem estão ao seu redor. Ao fomentar que africanos e afrodescendentes sejam livres, as fronteiras são contestadas. Como Mia Couto afirma:

repartimo-nos por universos vários. Somos cidadãos da oralidade, mas também da escrita. Somos urbanos e rurais. Somos da nação da tradição e da modernidade. Sentamo-nos no computador e na esteira, sem nos sentirmos estranhos em nenhum dos assentos. E é assim que terá que ser: partilharmos mundos diversos sem que nenhum desses universos conquistem hegemonia sobre os outros. (COUTO, 2005, p.93 apud AMORIM, 2015, p. 84).

Para Mbembe (2019), a África será extremamente importante para o mundo globalizado, pois sendo um local ainda “desconhecido” que carrega riquezas, culturas diversas, será o centro do mundo. Para tanto, deve fazer parte da modernidade, da globalização, ter sua cultura conhecida e difundida, pois não é exclusiva. É comum encontrar pessoas que possuem conhecimentos sobre a história de outras nações, mas que não compreendem nada sobre o continente africano, o qual ainda é frequentemente confundido como se fosse um único país. Essa falta de compreensão faz com que muitos considerem a África como algo distante e desvinculado do resto do mundo.

A educação também possui um papel fundamental nesse processo, pois reformular as maneiras de ensinar é um ato transgressor, visto que a sala de aula é o espaço onde os alunos podem ir além, descobrirem a si e o mundo (hooks, 2017). Ensinar, assim como aprender, é ato de coragem, ato político e de resistência a um sistema que oprime e um desafio que pode incomodar muitos daqueles que veem a educação como uma ameaça. Seres pensantes, questionadores, não poderão ser dominados (hooks, 2017).

No Brasil, há uma presença significativa de migrantes africanos nas universidades, demonstrando que ser um intelectual negro e imigrante é também um ato de resistência. Eles não apenas expressam palavras, mas transmitem "gritos", "revoltas" e "sentimentos" de indivíduos que desejam uma revolução (MELLO, 2018). É a transgressão de uma estrutura de dominação, é produzir saberes, experiências, que irão conectar dezenas de outros negros que se veem na mesma posição. A conexão entre pessoas negras, especialmente migrantes, inspira e permite sonhar com modelos emancipatórios para o futuro. Essa conexão também traz esperança e propõe atitudes para transformar a realidade. Mover-se diariamente dentro de um país ou em outro é uma resistência que está intimamente relacionada à identidade, ancestralidade, liberdade, imaginação e esperança. A esperança que o mundo possa celebrar e respeitar imigrantes africanos e afrodescendentes como eles realmente são.

### **CAPÍTULO 3 – BRASIL: A SELETIVIDADE NO ACOLHIMENTO**

Embora a experiência dos imigrantes esteja enriquecida com elementos positivos do afrofuturismo, eles também enfrentam experiências negativas em razão do racismo e da xenofobia. Os imigrantes citados anteriormente me levaram a refletir que, apesar da imagem do Brasil como um país receptivo e acolhedor, essa nem sempre é a realidade para os africanos que chegam aqui. Hortense na Conferência Internacional de abertura da 3ª edição do Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas (2020) realizada pelo canal do *Youtube* Fronteiras Cruzadas, mencionou que:

a integração social é muito difícil para os imigrantes, e ainda para os imigrantes negros hoje, através do mundo inteiro. Em qualquer país onde chega o imigrante africano, já abraça o desafio dos negros desses países [...]. Então sendo imigrante e negro, enfrenta tudo em dobro [...]. O Brasil não acolhe, o Brasil só recebe, e recebe o imigrante como se fosse cidadão brasileiro. O que eu acho também errado, porque quem chega, por exemplo, e não fala a língua portuguesa, não conhece ninguém, não sabe nada do Brasil, não pode considerar essa pessoa num nível de um brasileiro nascido. Essa pessoa precisa de um tempo para integração, e o Brasil não dá abrigo.

Se for falar dos refugiados, por exemplo, o Brasil não dá abrigo. A maioria dos abrigos que recebem os imigrantes no Brasil hoje, são os abrigos que existiam já por outro motivo, para moradores de rua, usuários de droga. Onde está a responsabilidade do governo brasileiro? Eu com 15 anos de experiência como advogada, recebo a carteira de trabalho, mas não dá para trabalhar como advogada, a revalidação do diploma é uma burocracia muito pesada. Então o Brasil só me recebeu, não me acolheu, porque eu não tenho moradia, eu tenho que fazer qualquer coisa para conseguir colocar comida na mesa para os meus filhos [...]. (CONFERÊNCIA..., 2020, 55 min 11 s).

Desse modo, a experiência dela revela como o acolhimento é seletivo. No Brasil, existe uma relação entre migração e racismo que remonta ao colonialismo e às teorias eugênicas do século XIX. Na época que o Brasil caminhava para a abolição da escravatura, após séculos de exploração e migração forçada, a classe dominante restringia a entrada voluntária de africanos, pois a presença deles e dos ex-escravizados era vista como um obstáculo para o desenvolvimento da nação (DIWAN, 2015). Apoiado no pensamento eugênico que classificava os indivíduos de pele clara como geneticamente superiores, o Estado brasileiro criou políticas migratórias para incentivar a migração de europeus e embranquecer a população brasileira. (DIWAN, 2015).

Segundo Prandi (2000) os termos “africano”, “negro” e “origem africana”, passaram a serem utilizados genericamente para se referir a todos os indivíduos do continente africano e seus descendentes. Dessa forma, os negros enfrentavam dificuldades para se estabelecer na sociedade, uma vez que o racismo permeava todas as esferas sociais, construindo a imagem deles como naturalmente inferiores e culpados por todos os problemas (SOBRINHO, 2013).

Devido a todo esse cenário, os africanos quando migram para o Brasil na contemporaneidade acabam sendo racializados, vítimas da desigualdade e violência que acometem também os negros brasileiros. A congoleza Prudence Kalambay no evento "Integrar e Empoderar", realizado pela divisão da ONU Mulheres<sup>12</sup>, comentou que descobriu que era negra quando chegou no Brasil, pois na República Democrática do Congo, são todos congolezes, ou seja, não há uma separação racial.

Esse processo também ocasionou o apagamento da história da negritude no imaginário popular, como consequência, não se tem um vislumbre do passado sem as características escravocratas e nem projeções para o futuro sem essas marcações de inferioridade e opressões que se perpetuam.

---

<sup>12</sup> CONHEÇA um pouco da história da Prudence Kalambay. [S. l.]: ONU Mulheres Brasil, 2022. 1 vídeo (2 min). Publicado no canal ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=klv8SgneEuk>. Acesso em: 8 mar. 2022.

É importante lembrar como Prudence se surpreendeu ao descobrir que sua filha sofria racismo na escola simplesmente por ser negra, algo que jamais imaginaria acontecer em seu país. Infelizmente, essa experiência dela é sentida por outros imigrantes também como o universitário Ghislain Gnimavo, que vem do Benin, e compartilhou em um vídeo produzido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Ceará, como também sofreu racismo:

Vim do Benin para estudar Engenharia de Telecomunicações no IFCE no campus de Fortaleza, estudar no Brasil porque a educação é boa, eu queria conhecer outra cultura, para ser útil ao meu país quando eu voltar. Não sabia o que era o racismo antes de chegar no Brasil, porque no meu país, eu não era julgado pela minha cor, mas apenas pelos meus atos. Aqui eu sinto na pele o que é o racismo. Lembro como se fosse ontem, um dia eu queria perguntar onde ficava a parada de ônibus, pra uma pessoa, e essa pessoa fugiu. Acho que ela pensou que eu era um assaltante ou algo do tipo. No ônibus, as pessoas têm medo de se sentarem ao meu lado, porque a minha cor incomoda. Você é negro, as pessoas mostram na sua cara, nos seus gestos, que tem medo de mim, pensam que você não pode ser um bom cidadão, capaz de estudar e ser produtivo, como qualquer outra pessoa. Não tem coisa mais ruim do que a não aceitação do outro, apenas pela cor da sua pele. Por isso vamos todos lutar contra o racismo no IFCE, ou em qualquer outro lugar, o racismo não devia existir. (ESTUDANTE..., 2018, 1 min)

Durante uma entrevista para a TV Cultura, a empreendedora guineense Benazira Djoco relatou uma experiência semelhante à de Prudence e Ghislain Gnimavo:

Até hoje ainda quando mandam um email para solicitar uma conversa seja no Senado Federal, você tem as vezes aceitação. Quando te vê pessoalmente aí começa questionamento “quem foi que te escreveu email?”. Isso já me aconteceu várias vezes em Brasília, quando a gente fala assim, há muito o que fazer, o acolhimento não é sobre pessoas [...] as leis nos dificultam em tudo, até hoje indo para a polícia federal, quais são os tipos de tratamento que a gente esculta lá? Já me falaram “você gosta de trazer muitas pessoas aqui, você está trazendo a África pra cá?” (ESTAÇÃO..., 2022, 19 min 58 s)

As experiências dos imigrantes nos faz pensar como o racismo continua presente no Brasil. Benazira trabalha prestando apoio a imigrantes, possui uma forte atuação no mundo da moda, e no incentivo ao empreendedorismo, sendo assim, por vezes é chamada para contar a sua trajetória de luta, no entanto, a sua fala demonstra como é desafiante para os imigrantes africanos estarem nos espaços, visto que a todo momento as instituições reverberam o racismo, seja de maneira escancarada como na situação vivenciada por Ghislain, ou por meio de questionamentos como esses direcionados a Benazira.

Outrossim, as instituições reproduzem aquilo que a sociedade é enquanto estrutura social. A formação da estrutura social brasileira foi composta pela reunião de raças distintas

como africanos, europeus e indígenas que carregavam consigo culturas totalmente diferentes. Contudo, esse encontro entre as raças ocasionou uma miscigenação que deu margem para que as relações raciais no Brasil tivessem características próprias, onde a brancura da pele garante privilégios nas relações cotidianas (GUIMARÃES, 1995).

A jornalista Rudmira também já sentiu como é o tratamento dos brasileiros em relação as pessoas negras. Ela tinha idealizado o Brasil como um país dos sonhos e decidiu migrar para cá, mas a receptividade não foi como ela imaginava. Em um vídeo no canal do *Youtube* "Nossa História Invisível", Rudmira relatou sobre essa situação:

Em Angola eu sabia que era negra, no Brasil eu tenho certeza que sou negra, você sente na pele a negritude que você carrega, porque você chega aqui, sei lá, o fato de saber que você é estrangeira, que você é africana, já limita. Muitos criam curiosidade, querem saber, mas quando chegam até a ti, é pra ver com um ar assim de coitadinho. Eles já tem uma opinião formada, e eu como sei que já vivi algo diferente daquilo que a pessoa sabe, já digo: Não. Não é assim. A visão que você tem de África é diferente de quem vem de África. Chego aqui no Brasil e começo a ouvir que a mulher negra é a carne barata do mercado. Comecei a perguntar, mas como assim é a carne barata? Eu sei que os olhares aqui denunciam, aconteceu muito comigo. Eu fui no restaurante, eu entrei e a pessoa que almoçaria comigo ainda não estava lá. Cheguei, sentei, era muita gente, muitas mesas todas cheias. Eu sozinha entrei e como negra tenho que mostrar que sou chique, sentei... e na outra mesa todo mundo, sabe [olhando como se pensassem] “tipo, perdeu o caminho, só pode, porque ela não tinha que estar aqui”. E tem coisas que não presto atenção, fico distraída porque eu sei que é normal eu estar em um restaurante para almoçar, esqueço as vezes que eu sou preta [...] Eu posso dizer que boa parte do povo angolano, não sei os outros povos africanos, mas o povo angolano tem o Brasil como um lugar para conhecer, porque o que passa lá é coisa boa [sobre o Brasil], e além do mais, além da televisão, é uma relação tão forte que eu não entendo por que aqui não mostra essa relação da Angola com o Brasil. Não existe Brasil sem África, não existe. Essa de querer apagar a história, e África, na história brasileira, não vão conseguir. Toda essa construção [o Brasil], tem suor, tem sangue africano [...] tem muita africanidade, não tem como apagar. Não dá para apagar, mas fingem que África não existe, como se todos os escravos daqui já morreram e não precisamos falar mais, mas é necessário. É difícil um estrangeiro, imigrante africano, conseguir emprego aqui. Muito difícil. Primeiro que o Brasil é muito “nós, por nós, isso é bom... não reprovo, primeiro o brasileiro. Mas se eu fosse europeia, mesmo sendo negra, eu tenho a certeza que seria um ponto positivo e conseguiria. Tem o gringo, tem o imigrante, e o imigrante não foge do status de refugiado. Aqui se você sair na rua e perguntar gringo, falar de gringo, a pessoa já imagina “nossa deve ser um europeu, deve ser rico” e com certeza a imagem deve ser de uma pessoa branca. Brasil tem que rever isso. Se é um país acolhedor, tem que se ver, é acolhedor em que? Por que no carnaval vai todo mundo sambar na rua, todo mundo feliz, tudo bonito, tranquilo, favorável? Não tá tão bonito, favorável. Não tá. (NOSSA..., 2016, 1 min 16 s).

A partir das palavras de Rudmira, podemos observar que o racismo muitas vezes é mascarado. São expressões, gestos e ações que revelam o que as pessoas pensam sobre o papel que os negros devem ter na sociedade. Embora o Brasil se apresente como um país

acolhedor, quando os africanos chegam aqui, percebem que esse acolhimento não se estende a todos. O pensamento colonial continua a influenciar a sociedade.

No período colonial os africanos ao serem escravizados foram tratados como objetos, tendo a sua identidade e diversidade étnica negada, após a abolição da escravidão e desagregação do sistema colonial, os ex-escravizados, a elite brasileira desintegrou esses indivíduos da sociedade, para impedir que tivessem condições de ascender socialmente e obter prestígio. Ademais, passaram a ser tratados como mestiços, e essa mestiçagem proporcionou aos indivíduos de pele clara se considerarem brancos, embora não fosse o padrão europeu, o tom da pele garante o status de superioridade (GUIMARÃES, 1995).

Dessa forma, a hierarquização estabelecida no Brasil situou a elite como superior, uma vez que a cor da pele serviu para justificar a desigualdade entre as classes sociais. Esse pensamento teve influência no movimento eugenista liderado por Francis Galton (1822-1911) na Inglaterra, que propôs a melhoria da raça humana defendendo a ideia racista de que os traços hereditários dos ricos deveriam ser transmitidos aos seus descendentes para formar uma sociedade composta por indivíduos aptos, inteligentes e saudáveis (DIWAN, 2015). Em contrapartida, os pobres deveriam ser controlados para evitar que a pobreza se perpetuasse na sociedade.

Os intelectuais brasileiros demonstravam incômodo diante da miscigenação racial que ocorria no país, pois essa realidade representava um problema para os racistas que defendiam o desenvolvimento da nação. Os negros libertos eram considerados incapazes, menos inteligentes e potencialmente criminosos, além de serem associados às doenças e epidemias que assolavam a população brasileira. O movimento eugenista, ao chegar ao Brasil, foi acolhido pela elite brasileira, que ainda mantinha forte o pensamento escravocrata e ansiava por medidas que pudessem tornar o país mais civilizado (GIOPPO, 1996). Devido a isso, foi criado toda uma estrutura para pensar meticulosamente como eliminar a pobreza e tornar o Brasil menos preto, assim, o Estado Brasileiro, juntamente com diversos intelectuais criaram políticas públicas e projetos visando o branqueamento da população, e incentivos a limpeza social (DIWAN, 2015). Assim sendo, o racismo no Brasil resulta de um processo histórico e político que favoreceu a classe dominante desde o fim da escravidão. A eugenia foi usada como uma ferramenta para legitimar as ideologias racistas que ainda prevalecem na sociedade atualmente (DIWAN, 2015).

Como bem menciona o jurista Silvio Almeida em entrevista ao canal do *Youtube* “Canal Um Brasil”:

[...] o racismo é um mecanismo muito complexo que cria, de um lado, vulnerabilidade, e, de outro, poder. Não existe racismo fora de uma relação. Uma relação contextualizada historicamente e politicamente estrutural. Não existe racismo que não seja estrutural [...] ele depende de estruturas sociais para que a discriminação continue sendo sistêmica [...]" (RACISMO..., 2019, 8 min 52 s).

Neste caso, o racismo estrutural está presente cotidianamente vitimando os negros brasileiros e os africanos que aqui residem. A violência direcionada aos imigrantes ocorre de diversas formas, uma delas é a expressa pela pesquisadora Ester Fátima Vargem Rodrigues (2014). Trabalhando na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania localizada na no estado de São Paulo, certa vez, se deparou com o caso de um congolês que havia sido preso, segundo seu relato, pelo simples fato de ser africano (RODRIGUES, 2014, p. 22). Cinco dias após pisar os pés no Brasil, andando em companhia de outros imigrantes, Gerald (nome fictício dado pela pesquisadora), havia sido abordado pela polícia e encaminhado para apresentar antecedentes criminais, contudo, pela dificuldade em conseguir o documento, ficou preso por um ano e seis meses sob suspeita. Segundo Rodrigues (2014, p. 22), Gerald ainda denunciou outros casos envolvendo colegas africanos que também foram presos sem justificativa plausível. A situação de Gerald é emblemática, demonstra claramente como os imigrantes africanos são percebidos e tratados no Brasil: como suspeitos. Mesmo não havendo provas, indícios ou qualquer outra coisa que incriminasse Gerald, a cor da pele foi motivo o suficiente para perder meses da própria vida atrás das grades.

Além disso, quando os imigrantes usam os espaços para chamar a atenção para a maneira errônea como o continente africano é visto, eles também são frequentemente hostilizados, como no caso de Vansam Iala, que expressou sua indignação em um vídeo do Tiktok ao comentar sobre a fala de um candidato presidencial brasileiro durante um debate político em 2022<sup>13</sup>. Em sua declaração transmitida nacionalmente, o candidato argumentou que o Brasil não pode ser comparado a um “fundão da África”, insinuando que o continente inteiro é sinônimo de miséria, pobreza e fome. Essa tendência de generalização dos países africanos é frequente, mas ter sido expresso por um candidato presidencial com uma grande base de apoiadores destaca a urgência de romper com essa perspectiva, como observado por Vansam:

---

<sup>13</sup> BRASIL não é fundão da África. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1 min). Tiktok. Disponível em: [https://www.tiktok.com/@vistoafrika/video/7137746185007156486?embed\\_source=70846777%2C120811592%2C120810756%3Bnull%3Bembed\\_blank&is\\_from\\_webapp=v1&item\\_id=7137746185007156486&refer=embed&referer\\_url=www.socialistamorena.com.br%2Fativista-da-guine-bissau-que-viralizou-aconselha-ciro-a-estudar-mais-sobre-a-africa%2F&referer\\_video\\_id=7137746185007156486](https://www.tiktok.com/@vistoafrika/video/7137746185007156486?embed_source=70846777%2C120811592%2C120810756%3Bnull%3Bembed_blank&is_from_webapp=v1&item_id=7137746185007156486&refer=embed&referer_url=www.socialistamorena.com.br%2Fativista-da-guine-bissau-que-viralizou-aconselha-ciro-a-estudar-mais-sobre-a-africa%2F&referer_video_id=7137746185007156486). Acesso em: 11 dez. 2022.

[...] Para nós não há novidade nisso, porque afinal, vocês estão reproduzindo aquilo que vossos antepassados deixaram para vocês que é essa herança colonial. Esse pensamento, não é de hoje, surgiu desde muito tempo desde a invasão colonial e é por isso que ainda continua reproduzindo ela, e é muito lamentável que isso aconteça hoje [...] a África não é um país, é um continente com mais de 50 países [...] África é poder, África é ciência, África é tecnologia, África é riqueza, África é vida. (BRASIL..., 2022, 36 s)

Após expressar sua opinião, Vansam recebeu inúmeros ataques virtuais de brasileiros que pediram que ele voltasse para a África. Há muito ódio direcionado aos africanos que vivem aqui, especialmente quando eles ocupam espaços para denunciar o racismo existente. Como Vansam bem colocou, essa é uma herança colonial que revisitamos a todo momento, como se estivéssemos sendo colonizados novamente como se todo o horror passado fosse atualizado constantemente (Kilomba, 2019). Os africanos nas fronteiras ou em solo brasileiro revivem os traumas dos atos de violência dos colonialistas a todo momento, e estão constantemente em vigilância, sujeito a riscos.

Muitos imigrantes são atraídos pela ideia de uma democracia racial no país, como comenta Benazira para a TV Cultura:

Nós não podemos negar que o Brasil é conhecido pelo futebol, carnaval, e assim sucessivamente, quando a gente pensa nessas duas coisas que conquista e alegria, a gente pensa em alegria. Acho que por isso que a gente pensa que quando chegar no Brasil vai ser um e mil maravilhas, só que aí a ficha depois cai... não é (ESTAÇÃO..., 2022, 6 min 47 s).

No Brasil há diversos casos de violência contra imigrantes, maiormente, africanos, como o ocorrido no ano de 2012 com a universitária angolana Zulmira de Souza Borges que foi assassinada em um bar na qual confraternizava com outros angolanos em São Paulo (GOMES, 2012). No ano de 2015 a Fatou Ndiaye, adolescente senegalesa, foi hostilizada por colegas em uma escola de classe alta no Rio de Janeiro (MAGALHÃES et al., 2022). No ano de 2020 o angolano João Manuel, foi assassinado a facadas, vítima de xenofobia (FIGUEIREDO, 2020). Recentemente, no ano de 2022, o congolês Moïse Kabagambe foi brutalmente assassinado no Rio de Janeiro, ao cobrar o pagamento do trabalho que desempenhou em um quiosque (MAGALHÃES et al., 2022). Esses são apenas alguns dos milhares de casos de crimes contra imigrantes africanos, demonstrando como a situação é recorrente e desmascara a ideia de que o Brasil é um país harmônico ou cordial.

Embora no Brasil o Estatuto do Estrangeiro (Lei n. 6.815/1980) tenha sido substituído pela Lei de Migração (lei n. 13.445/2017) que deixou de considerar os imigrantes como uma

ameaça nacional, dando-lhes mais direitos migratórios, levando em consideração os Direitos Humanos e a Constituição Federal de 1988, a sociedade brasileira ainda reproduz as marcas deixadas pela escravidão (LEVISKI; LUCAS, 2022). Nesse sentido, há na lei garantias de acolhimento, no entanto, na prática esse processo não é devidamente respeitado, não são adequadamente inseridos na sociedade.

No ano de 2018 ocorreu o “Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular” promovido pela ONU com adesão de 160 países que se comprometeram em proporcionar dignidade e segurança para os migrantes. Contudo, Diallo (2021) cita que países como Eslováquia, Hungria, Polônia, República Tcheca, Austrália, Áustria, Chile e República Dominicana não aderiram ao pacto. Para o sociólogo, a posição desses países está intimamente relacionada a presença massiva da direita e extrema direita que, comumente, possuem discursos nacionalistas contra a migração (DIALLO, 2021, p. 194). E não surpreendentemente, o Brasil também se recusou a aderir ao Pacto, o presidente Jair Bolsonaro (2018) declarou na plataforma social *Twitter*, os seguintes dizeres:

O Brasil é soberano para decidir se aceita ou não migrantes. Quem porventura vier para cá deverá estar sujeito às nossas leis, regras, e costumes, bem como deverá cantar nosso hino e respeitar nossa cultura. Não é qualquer um que entra e nossa casa, nem será qualquer um que entrará no Brasil via pacto adotado por terceiros (DIALLO, 2021, p. 195).

Considerando que esse Pacto Global trata a respeito dos direitos humanos, a posição dos países que o recusaram, denota como é preocupante a visão estereotipada que se tem a respeito dos migrantes (DIALLO, 2021, p. 195). Outrossim, embora exista a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), que proclama a igualdade racial, o desrespeito a violação desses direitos são constantes, como o que ocorre no Brasil.

No contexto migratório internacional, a não permanência de indivíduos racializados dá a sensação de que eles não pertencem a lugar nenhum. Por conseguinte, as fronteiras são controladas com o objetivo de conter determinados corpos, enquanto outros desfrutam de livre movimentação. Tal situação configura aos imigrantes racializados dificuldades extremas de estarem presentes neste mundo globalizado, visto que a mobilidade não é facilitada em razão das marcas que o colonialismo deixou, relegando-os a uma condição de “eternos colonizados” (PEREIRA, 2020, p.8). Em relação aos africanos, o Ocidente pela lógica colonial sempre tentou capturá-los, prendê-los em um único lugar por meio das fronteiras (MBEMBE, 2019).

Mesmo o Pacto Global não diminuiu a ocorrência de fatalidades com imigrantes, de acordo com o boletim informativo publicado em 2021 no *site* da Organização Internacional

para Migrações (OIM) “o número de mortes e desaparecimentos aumentou em muitas rotas migratórias em todo o mundo em 2021 [...]”<sup>14</sup>.

Além disso, os marcadores raciais mesmo em uma crise humanitária não deixam de estar presentes, uma situação que reforça isso, é a maneira como migrantes africanos que viviam na Ucrânia estavam sendo tratados, sofrendo racismo escancarado por parte de forças ucranianas, em meio ao conflito armado que ocorria no país em 2022<sup>15</sup>.

Outrossim, a comunidade internacional se mobilizou prontamente para receber os refugiados ucranianos sem contestar, todavia, no mesmo espaço de tempo havia diversos conflitos sangrentos ocorrendo pelo mundo, vitimando milhares de pessoas necessitando de solidariedade, e recebendo apenas silêncio. Por conseguinte, é perceptível que dar assistência humanitária é possível, desde que sejam indivíduos que a comunidade internacional queira humanizar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento da monografia, busquei relacionar a migração africana com o afrofuturismo, para mostrar que há aspectos positivos em torno da migração africana para o Brasil, pois oferecem práticas culturais importantes para ajudar a refletir sobre o racismo e a xenofobia no país. Além disso, a presença deles também fortalece a negritude, a reconexão com o passado ancestral e a espiritualidade por meio de seus protagonismos na arte e no ativismo político.

A partir da análise de autores africanos, afro-brasileiros, em sua maioria, e autores de outras origens, que não tem descendência africana, procurei destacar a questão cultural no continente africano, suas riquezas e migrações, me apoiando em nacionalidades específicas, visto que a África possui mais de 50 países. Neste caso, foquei em abordar a respeito do Senegal, República Democrática do Congo (RDC), Angola e Guiné-Bissau. Outrossim, como tive dificuldade de encontrar trabalhos que centrasse nesses aspectos positivos e socioculturais

---

<sup>14</sup> Os países que fizeram parte do Pacto, para a OIM, segundo o boletim (2021), “muito poucos se comprometeram com o Objetivo 8 de ‘salvar vidas e estabelecer esforços internacionais coordenados sobre migrantes desaparecidos’” (CHEGA..., 2021).

<sup>15</sup> A nigeriana Jessica Orakpo, uma estudante de medicina que morava na Ucrânia, disse o seguinte: "Eu estava implorando. O oficial literalmente olhou nos meus olhos e disse, em sua língua: 'Apenas ucranianos. É isso'. Disse que se você for negro, você deveria ir andando" (MARTINS, 2022). Ou seja, mesmo em uma guerra estavam tendo a “preocupação” em controlar corpos, segregar, escolher quem ficaria para morrer e quem poderia ser salvo.

dos africanos em Uberlândia (MG), tive como suporte a tese de autores que retratam a realidade dos imigrantes habitantes de outras localidades, principalmente estado de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ).

Devido ao período da pandemia da Covid-19 em 2020 e 2021, anos em que havia começado a minha monografia, foi inviável realizar um trabalho de campo para ter contato direto com os imigrantes, visto que estávamos todos em isolamento social. Todavia, aproveitei o espaço virtual para fazer inserções em *sites*, canais do *Youtube* e até mesmo em um coletivo da USP a qual auxilia o ativismo dos imigrantes, chamado “Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas”. Por meio dessas imersões virtuais, tive contato com as falas de muitos imigrantes como Vensam Iala, Hortense, Prudence, dentre outros que me sensibilizaram a retratar suas experiências, mostrando a importância de seus projetos que mostra aos brasileiros como a África não se resume a pobreza, fome, miséria, guerra, pois possui uma intensa diversidade, sendo multicultural. Outrossim, evidenciei como a mobilidade africana sempre esteve presente no continente africano, embora o colonialismo tenha interferido no livre movimentar deles, na contemporaneidade continuam possuindo o deslocamento como prática cultural. Além disso, reflito como o Brasil embora seja considerado um país acolhedor, continua reproduzindo o racismo herdado do período colonial, atingindo drasticamente os imigrantes africanos, que resiste com seus ativismos e protagonismos.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Liana Depieri. Pensatempos, cosmopolitismo e afropolitanismo: perspectivas híbridas do pensamento africano. 2015. 124 p. Dissertação de mestrado (Mestre em Letras) - Programa de Pós- Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/neab/index.php/2016/08/24/pensatempos-cosmopolitismo-e-afropolitanismo-perspectivas-hibridas-do-pensamento-africano/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

BEM-VINDO ao SENEGAL! | SENEGAL 01. Gravação de Luca Bassani. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (21 min). Publicado no canal Luca Bassini. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nZxTHNGc9Nc&t=678s>. Acesso em: 1 mar. 2023.

BRASIL não é fundão da África. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1 min). Tiktok. Disponível em: [https://www.tiktok.com/@vistoafrica/video/7137746185007156486?embed\\_source=70846777%2C120811592%2C120810756%3Bnull%3Bembed\\_blank&is\\_from\\_webapp=v1&item\\_id](https://www.tiktok.com/@vistoafrica/video/7137746185007156486?embed_source=70846777%2C120811592%2C120810756%3Bnull%3Bembed_blank&is_from_webapp=v1&item_id)

=7137746185007156486&refer=embed&referer\_url=www.socialistamorena.com.br%2Fativista-da-guine-bissau-que-viralizou-aconselha-ciro-a-estudar-mais-sobre-a-africa%2F&referer\_video\_id=7137746185007156486. Acesso em: 11 dez. 2022.

CAREGNATO, Lucas. Domínio colonial português em Angola nos séculos XV e XVI. O Brasil no Sul: Cruzando Fronteiras entre o Regional e o Nacional. X Encontro Estadual de História de 26 a 30 de julho de 2010. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2010. Disponível em: <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/site/anaiscomplementares#L>. Acesso em: 28 de nov, 2022.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; SILVA, Bianca G. orgs. Imigração e refúgio no Brasil: Retratos da década de 2010. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/relatorios-a>. Acesso em: 10 abril, 2022.

CONHEÇA um pouco da história da Prudence Kalambay. *S. l.: s. n.*, 2022. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal ONU Mulheres Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=klv8SgneEuk>. Acesso em: 8 mar. 2022.

CONGO e Brasil se encontram no Sesc Avenida Paulista. São Paulo: Sesc São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/congo-e-brasil-se-encontram-no-sesc-avenida-paulista/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

CONFERÊNCIA Internacional Migração Transnacional e Transformações Sociais. Produção: 3a edição do Fórum Internacional Fronteiras Cruzadas. [S. l.: s. n.]. Programa de Apoio a Eventos no País (CAPES-PAEP) // ECA-USP, 2020. 1 vídeo (2h). Publicado pelo canal Fronteiras Cruzadas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nl36SunjkX4&list=PLHBFesSDR6LiFNEvAS5gXVKEJYxjWf8Bv&index=4>. Acesso em: 8 dez. 2020.

CHEGA a 4.400 o número de mortes de migrantes em 2021. OIM ONU Migração - Brasil, [S. l.], 14 dez. 2021. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/news/chega-4400-o-numero-de-mortes-de-migrantes-em-2021>. Acesso em: 30 dez. 2021.

CLEMENTE, Claudelir Correa. África em movimento no passado e no presente: alguns apontamentos. In: Fronteiras, Deslocamentos e suas Dinâmicas Sociais. CADRIN, Eric Gustavo. ALBUQUERQUE, José Lindomar C. orgs. Uberlândia: EDUFU, Minas Gerais, v. 3, p. 231-245, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35098/1/FonteirasDesclocamentosDin%c3%a2micas.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

DIALLO, Alfa Oumar. A migração senegalesa para o Brasil. *Entre-Lugar*, [s. l.], v. 12, ed. 23, p. 185-213, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/14793#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20est%C3%A1%20no%20cen%C3%A1rio,intensificado%20a%20partir%20de%202013>. Acesso em: 3 fev. 2022.

DIAS, Guilherme Soares. República vira pequena África. *Guia Negro*, São Paulo, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://guianegro.com.br/republica-vira-pequena-africa/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: Uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

Educativo MCB | Roda de conversa - Das Áfricas às Diásporas. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2022. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Museu da Casa Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ALxFjtVp-A&t=1216s>. Acesso em: 24 nov. 2022.

EPALANGA, Kalaf. Também os brancos sabem dançar: um romance musical. São Paulo: Todavia, 2018. Resenha de: OLIVEIRA, Rayana Kelly Rodrigues de; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A música que acolhe: Uma experiência exílica em “Também os brancos sabem dançar”. *Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*. São Luís, v. 04, n. 11, p. 462-466, 2021. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/tambem-os-brancos-sabem-dancar-um-romance-musical-kalaf-epalanga/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

(EP1) África, Senegal. Onde tudo começou!. Gravação de Anderson dias. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal 196sonhos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UO9fJAN8a24&list=PLaw98X-lykVDIHQm-mxrMpBMBB5mXAUAR&index=1>. Acesso em: 1 fev. 2023.

ESTAÇÃO Livre | Estrangeiros. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (55 min). Publicado pelo canal TV Cultura. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ooG\\_5HKCatM](https://www.youtube.com/watch?v=ooG_5HKCatM). Acesso em: 6 abr. 2022.

ESTUDANTE africano fala sobre o racismo no Brasil. S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal TVIFCE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOqMHTkpJDI>. Acesso em: 8 mar. 2022.

FARIA, Debora Costa de. O local e o global no funk brasileiro e no kuduro angolano. Orientador: Andréa Cláudia Miguel Marques Barbosa. 2014. 145 p. Dissertação de mestrado (Mestre em Ciências Sociais) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/46346>. Acesso em: 24 nov. 2022.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *Revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v. 12, ed. 35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/44648>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FIGUEIREDO, Patrícia. Angolano morre esfaqueado na Zona Leste de SP e 2 ficam feridos; imigrantes deixam suas casas em Itaquera por medo de xenofobia. *G1-SP*, [S. l.], 19 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/19/angolano-morre-esfaqueado-na-zona-leste-de-sp-e-2-ficam-feridos-imigrantes-deixam-suas-casas-em-itaquera-por-medo-de-xenofobia.ghtml>. Acesso em: 1 jun. 2020.

[FIXE2021] Chef Aline Chermoula convida Rudmira Fula. Gravação de Fixe Festival. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Festival Fixe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-13oktQBYtQ&t=11s>. Acesso em: 13 dez. 2022.

GIOPPO, Christiane. Eugenia: a higiene como estratégia de segregação. *Educar*, Curitiba, n.12, p.167-180. Editora da UFPR, 1996.

GOMES, Manuela. Jovem angolana assassinada em SP. *Oestrangeiro.org*, [S. l.], 29 maio 2012. Disponível em: <https://oestrangeiro.org/2012/05/29/estudante-angolana-assassinada-em-sp/>. Acesso em: 1 jun. 2020.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. 1995.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo, por Bell Hooks. *Portal Geledés*, [S. l.], 6 jun. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.

HONORATO, Felipe Antonio. República Democrática do Congo: Um histórico migratório. *X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)*, São Paulo, p. 1-17, 2019. Disponível em: <https://alacip.org/?todasonencias=republica-democratica-do-congo-um-historico-migratorio>. Acesso em: 28 nov. 2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEVISKI, Daiane Schneider. LUCAS, Douglas Cesar. Análise da Nova Lei de Migração no Contexto da Efetivação dos Direitos Fundamentais e Humanos no Brasil. *Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas Santo Ângelo*, v. 22. n. 42. p. 27-49, 2022. Disponível em: <<https://san.uri.br/revistas/index.php/direitoejustica/article/view/102/374>>. Acesso em: 30 de outubro, 2022.

LOVEJOY, Paul E. Identidade e a miragem da etnicidade: a jornada de Mahomah Gardo Baquaqua para as Américas. *Afro-Ásia*, Salvador, n. 27, 2002. DOI: 10.9771/aa.v0i27.21031. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21031>. Acesso em: 17 de maio, 2021.

LUNYIIGO, Samwiri Lwanga; VANSINA, Jan. Os povos falantes de banto e a sua expansão. In: *História geral da África III: África do século VII ao XI*. Brasília: UNESCO, 2010. v. 3, cap. 6, p. 179-195. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190251>. Acesso em: 18 maio 2021.

MAGALHÃES, Ana flávia *et al.* Assassinato de jovem congolês destrói imagem de país cordial e hospitaleiro. *Portal Uol Notícias*, [S. l.], 2 fev. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2022/02/02/assassinato-de-jovem-congoles-destroi-imagem-de-pais-cordial-e-hospitaleiro.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, ed. 49, p. 1-34, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MALOMALO, Bas'Ilele. Imigrantes Africanos/as na contemporaneidade brasileira: Uma agenda pan-africanista na década internacional de afrodescendentes. In: KOMINEK, Andrea Maila Voss. VANALI, Ana Crhistina (Orgs). *Roteiros temáticos da diáspora: Caminhos para o enfrentamento ao racismo no Brasil*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MARTINS, Leonardo. 'Negros deveriam andar': imigrantes relatam racismo ao fugir da Ucrânia. *UOL Notícias*. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2022/03/03/imigrantes-dificuldades-ucrania-russia.htm>>. Acesso em: 23 de março, 2022.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. Trad. Stephanie Borges. *Revista Serrote*, Instituto Moreira Salles, 2019b. s.p. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille>



PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade e religião. Revista USP, São Paulo, ed. 46, p. 52-65, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879>. Acesso em: 18 maio 2020.

RACISMO é um mecanismo complexo, que cria vulnerabilidade e poder, por Silvio de Almeida. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (33 min). Publicado pelo canal Um Brasil. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=PF0r9DniS\\_E&t=652s](https://www.youtube.com/watch?v=PF0r9DniS_E&t=652s). Acesso em: 11 dez. 2022.

RIBEIRO, Renata Maria Franco. Mulheres guineenses, agencialidade e redes sociais em contexto pandêmico: uma etnografia do cotidiano no bairro do Vale da Amoreira (Moita-Portugal). Orientador: Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria de Fátima Calça Amante. 2022. Dissertação (Mestre em Antropologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2022. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/24425/1/TRABALHO%20FINAL.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

RODRIGUES, Paula. Como o afrofuturismo pode ajudar a estruturar modelos de sociedade mais justos para a população negra. In: Ecoa UOL. São Paulo: Fernanda Schimidt, 7 out. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/reconstrucao-afrofuturismo/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

RODRIGUES, Ester Fátima Vargem. Imigrantes Africanos no Brasil Contemporâneo: fluxos e refluxos da diáspora. 2014. 118 p. Mestrado (Mestre em História Social) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), São Paulo, 2014.

SANTOS, José Antônio dos. Diáspora africana paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. Desvendando a história da África [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades séries, p. 181-194. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/yf4cf/pdf/macedo-9788538603832-13.pdf>. Acesso em: 11 de junho. 2020.

SATO, Miki Takao. Percursos etnográficos em narrativas com mulheres africanas em São Paulo: atividades como possibilidades econômicas. África(s) - Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras - PPGEAFIN, São Paulo, v. 4, ed. 8, p. 115-140, 2017. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/africas/article/view/4384>. Acesso em: 6 maio 2020.

SAYD, Abdelmalek. Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

Senegal | a colonização francesa e a fundação de Estado África |. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (11 min). Publicado pelo canal Coisas da África. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yy1-KDIqsy8>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SILVA, Antônio Carlos Matias da. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. Neari em revista. v.4 n.5, 2018. Disponível em: <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/660>. Acesso em: 15 jan, 2021.

SILVA, Luciane Ramos. Germaine Acogny: Escritas de um corpo em tempos reais. Revista O Menelick 2º Ato, [S. l.] 2014. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/danca-e-performance/teste>. Acesso em: 28 nov. 2022.

SILVA, Manuel Carlos. Migrações, Relações interétnicas e racismo na Europa: um estudo de caso em Portugal. ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo, 2020. 44º Encontro Anual da ANPOCS.

SPRANDEL, Marcia Anita. Algumas observações sobre fronteiras e migrações. São Paulo. Fronteiras Artigos: 2013, p. 26. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252013000100011](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000100011)>. Acesso em: 16 jun. 2022.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira. São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. Porto Alegre: Sociologias, 2013. 210-235 p. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/38648>. Acesso em: 12 ago. 2020.

TELES, Teresa Cristina. Nzambi ikale ni enhe! Histórias de vida de imigrantes angolanos em São Paulo. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-19022014-121540/pt-br.php>. Acesso em: 13 jan, 2021.

Vensam Iala: BWEpodcast | ep 17. Entrevistado: Vensam Iala. Entrevistadores: Anderson Dias e Adams Norberto. São Paulo: BWEpodcast, 22 set. 2022. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wRcjEKWUKeo>. Acesso em: 6 dez. 2022.

VIEIRA, DAIANNE RAFAEL. Do Congo para o Brasil: as perspectivas de vida e de trabalho de refugiados e solicitantes de refúgio congolezes no Rio de Janeiro. Orientador: Prof. Dr. Russell Parry Scott. 2015. Dissertação (Mestre em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/16277>. Acesso em: 10 nov. 2022.

VILLAMAR, María del Carmen Villarreal; RIBEIRO, Gisele Maria Almeida. Abdelmalek Sayad e o pioneirismo do pensamento pós-colonial nos estudos migratórios. In: DIAS, Gustavo. BÓGUS, Lucia. PEREIRA, José Carlos Alves. BAPTISTA, Dulce (orgs.). A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad. p. 37-61. São Paulo: EDUC, 2020.

VÍDEO-CARTAS: Processos criativos e artísticos na luta por direitos humanos. [S. l.: s. n.]: Mostra Vídeo-Cartas: Conexões Migrantes, 2020. 1 vídeo (1h). Publicado pelo canal Fronteiras Cruzadas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2D5p3puVugc&list=PLHBFesSDR6LiFNEvAS5gXVKEJYxjWf8Bv&index=8>. Acesso em: 8 dez. 2020.